

# **Ludwig von Mises: Acadêmico, Criador e Herói**

---

Por Murray N. Rothbard.

1ª Edição





## **Ludwig von Mises: Acadêmico, Criador e Herói**

Murray N. Rothbard

Editora Konkin, 1ª edição

### **Tradução**

Daniel Miorim de Moraes

### **Revisão**

Vitor Gomes Calado

### **Capa**

Raíssa Souza Abreu

### **Diagramação**

Daniel Miorim de Moraes e Vitor Gomes Calado

### **Licença**

© Copyright 1988 pelo Instituto Ludwig von Mises, edição online de 2002.



# Sumário

Ludwig Von Mises: Acadêmico, Criador e Herói ....	7
O Jovem Acadêmico .....	9
A Teoria do Dinheiro e do Crédito .....	15
A Recepção de Mises e de sua Teoria do Dinheiro e do Crédito .....	29
Mises nos anos 20: Conselheiro Econômico para o Governo .....	37
Mises nos anos 20: Acadêmico e Criador .....	45
Mises nos anos 20: Professor e Mentor .....	59
Exílio e o Novo Mundo .....	69
Coda: Mises, O Homem .....	89



# Ludwig Von Mises: Acadêmico, Criador e Herói

O propósito desse livro é discutir e celebrar a vida e o trabalho de uma das maiores mentes criativas de nosso século.

Ludwig Von Mises nasceu no dia 29 de setembro de 1881, na cidade de Lemberg (agora Lvov), na Galícia, no império Austro-húngaro.

Seu pai, Arthur Edler Von Mises, um engenheiro civil vienense trabalhou nas ferrovias austríacas e estava alocado em Lemberg nessa época.

Sua mãe, Adele Landau, também veio de uma família proeminente em Viena: seu tio, Dr. Joachim Landau, foi um deputado do Partido Liberal no parlamento austríaco.





# O Jovem Acadêmico

Entre os proeminentes teóricos de nosso tempo, o interesse de Mises, quando adolescente, estava centrado em história, em especial em história econômica e administrativa. Mas, até mesmo enquanto ainda estava no ensino médio, ele já reagia contra o relativismo e historicismo desenfreados nos países falantes de alemão, dominados pela Escola Historicista.

Em seus primeiros trabalhos em história, ele se frustrava ao encontrar estudos históricos consistindo praticamente apenas de paráfrases de relatórios oficiais do governo. Ao invés desses relatórios, ele ansiava por escrever um trabalho de genuína história econômica. Logo cedo, ele já desgostava do estudo histórico orientado pelo estado. Além disso, em suas memórias, Mises escreveu:

*Foi meu intenso interesse em conhecimento histórico que me permitiu perceber prontamente a inadequação do historicismo alemão. Ele não lidava com problemas científicos, mas com a glorificação e justificativa das políticas prussianas e do governo autoritário prussiano. As universidades alemãs eram instituições estatais e os instrutores eram funcionários públicos. Os professores estavam cientes desse status de serviço civil, ou seja, eles se viam como servos do rei prussiano.<sup>1</sup>*

Ludwig von Mises entrou na Universidade de Viena na virada do século XX e seu principal professor foi o historiador econômico Karl Grünberg, membro da Escola Histórica Alemã, um estatista que estava interessado em história do trabalho, história agrícola e marxismo. Grünberg foi um seguidor do historiador econômico alemão Georg

---

<sup>1</sup> Ludwig von Mises, *Notes and Recollections* (Holanda do Sul, IL: Imprensa Libertária, 1978), p. 7.

Friedrich Knapp, autor da grande obra afirmando que o dinheiro era em sua origem e sua essência uma criatura pura do Estado.

Em seu centro de história econômica na Universidade de Estrasburgo, Knapp estava focando os trabalhos de seus alunos na libertação dos camponeses da servidão nas várias províncias alemãs. Na esperança de criar um centro semelhante em Viena, o professor Grünberg definiu que seus alunos fariam pesquisas sobre a eliminação da servidão nas várias partes da Áustria. O jovem Ludwig von Mises foi designado para estudar o desaparecimento da servidão em sua Galícia nativa. Mises lamentou mais tarde que seu livro sobre este assunto, publicado em 1902, foi, por causa da metodologia Knapp-Grünberg, "mais uma história de medidas governamentais do que uma história econômica".<sup>2</sup> Os mesmos problemas assolaram seu segundo trabalho histórico publicado três anos depois, um estudo das leis trabalhistas infantis na Áustria, que provou "não ser muito melhor".<sup>3</sup>

Apesar de seu atrito com o estatismo e com o prussianismo da Escola Histórica, Mises ainda não tinha descoberto a teoria econômica, a Escola Austríaca e o liberalismo econômico do livre mercado. Em seus primeiros anos na universidade, ele era um liberal de esquerda e um intervencionista, embora tenha rejeitado rapidamente o marxismo. Ele se juntou à Associação universitária de Educação nas Ciências Sociais, e mergulhou em reforma econômica aplicada.

---

<sup>2</sup> Mises, *Notes*, p. 6. No entanto, cerca de quarenta anos atrás, Edith Murr Link, então trabalhando em uma dissertação de doutorado sobre um assunto intimamente relacionado, me disse que o trabalho de Mises ainda era considerado definitivo. Em Grünberg, veja também Earlene Craver, "A Emigração dos Economistas Austríacos", *História da Economia Política* 18 (Primavera de 1987), p. 2.

<sup>3</sup> O livro foi intitulado, *Uma Contribuição à Legislação Fabril Austríaca*. Mises, *Notes*, p. 6.

Em seu terceiro ano na universidade, Mises fez pesquisas sobre condições de moradia sob o comando do professor Eugen von Philippovich, e no semestre seguinte, para um seminário sobre Direito Penal, fez pesquisas sobre mudanças na lei que tratava sobre os empregados domésticos. A partir de seus estudos detalhados, Mises começou a perceber que as leis reformistas só conseguiram ser contraproducentes, e que todas as melhorias na condição dos trabalhadores haviam acontecido através de operações do capitalismo.

Por volta do Natal de 1903, Mises descobriu a Escola Austríaca de Economia lendo o grande *Princípios de Economia* de Carl Menger, e assim começou a ver que havia um mundo de teoria econômica positiva e liberalismo de livre mercado que complementavam suas descobertas empíricas sobre as fraquezas da reforma intervencionista.

Na publicação de seus dois livros de história econômica e no recebimento de seu doutorado em 1906, Mises teve um problema que o atormentaria para o resto de sua vida: a recusa da academia em lhe conceder um cargo remunerado em tempo integral.

Embaralha a mente o que este homem extraordinariamente produtivo e criativo foi capaz de realizar em teoria econômica e em filosofia quando até meados dos anos 50, suas energias em tempo integral eram dedicadas ao trabalho político-econômico aplicado.

Até a meia-idade, em suma, ele só podia estudar a teoria econômica e escrever seus extraordinários e influentes livros e artigos, como uma atividade de lazer para as horas extras. O que ele poderia ter feito, e o que o mundo teria ganhado, se ele tivesse desfrutado do lazer que a maioria dos acadêmicos desperdiçam?

Dessa forma, Mises escreveu que seus planos para uma extensa pesquisa em história econômica e social foram frustrados pela falta de tempo disponível. Ele afirma melancolicamente que "eu nunca encontrei oportunidade de fazer este trabalho. Depois de concluir minha

formação universitária, nunca mais tive tempo para trabalhar em arquivos e bibliotecas."<sup>4</sup>

O doutorado de Mises foi na Faculdade de Direito da Universidade e assim, por vários anos após 1906, ele trabalhou em uma série de tribunais civis, comerciais e criminais, e tornou-se um associado em uma firma de direito. Além disso, preparando-se para uma carreira de professor, Mises começou a ensinar economia, direito constitucional e administração à classe sênior da Academia Comercial para Mulheres de Viena, cargo que ocupou até a conclusão de seu primeiro grande livro em 1912.<sup>5</sup>

Na maior parte do tempo, no entanto, ele mergulhou no trabalho econômico aplicado. Um de seus trabalhos, a partir de 1909, foi como economista da Associação Central para a Reforma da Habitação. Mises tornou-se o especialista da Associação em tributação imobiliária, descobrindo que as condições abismais de habitação na Áustria foram provocadas por altas taxas de impostos sobre as corporações e seus ganhos de capital.

Mises defendia a redução desses impostos, particularmente os altos impostos sobre os imóveis, o que, segundo ele, não reduziria tanto os aluguéis, pois aumentaria o valor de mercado dos imóveis e, assim, estimularia o investimento habitacional. Mises foi bem sucedido em promover uma redução substancial nos impostos sobre a habitação. Ele continuou neste posto até 1914, quando a guerra pôs fim à construção de casas.

---

<sup>4</sup> Mises, *Notes*, pp. 6-7.

<sup>5</sup> Margit von Mises, *My Years with Ludwig von Mises* (2º Amped Ed., Cedar Falls, IA: Center for Futures Education, 1984), p. 200.

O cargo principal de Mises, de 1909 até deixar a Áustria vinte e cinco anos depois, foi um trabalho em tempo integral como economista na Câmara de Comércio de Viena.<sup>6</sup>

Na Áustria as Câmaras de Comércio eram semelhantes aos "parlamentos econômicos", criados pelo governo, com delegados eleitos por empresários e financiados pela tributação.

As Câmaras foram formadas para dar conselhos econômicos ao governo, e o centro do poder foi sua Assembleia Geral, composta por delegados das várias câmaras locais e provinciais, e dos comitês daquela Assembleia. Os especialistas que assessoravam as Câmaras e a Assembleia Geral eram buscados nos gabinetes dos secretários para as várias Câmaras.

Na virada do século XX, economistas que trabalhavam no gabinete do secretário da Câmara de Viena (a mais proeminente das várias Câmaras) haviam se tornado importantes conselheiros econômicos do governo.

No final da Primeira Guerra Mundial, Mises, operando a partir de sua posição quase independente na Câmara, tornou-se o principal conselheiro econômico do governo, e, como veremos abaixo, ganhou uma série de batalhas em nome dos mercados livres e do dinheiro sólido.

---

<sup>6</sup> O nome da organização, na época da adesão de Mises em 1909, era Câmara de Comércio e Indústria da Áustria Inferior. Em 1920, mudou seu nome para Câmara de Comércio, Artesanato e Indústria de Viena.



## A Teoria do Dinheiro e do Crédito

Em 1903, o influente economista monetário Karl Helfferich, em seu trabalho na obra *Dinheiro*, lançou um desafio à Escola Austríaca. Ele apontou corretamente que os grandes austríacos, Menger, Böhm-Bawerk, e seus seguidores, apesar de sua proeza em analisar o mercado e o valor dos bens e serviços (o que agora chamamos de "microeconomia"), não tinham conseguido resolver o problema do dinheiro.

A teoria marginal da utilidade não havia sido estendida ao valor do dinheiro, que havia continuado, como nos economistas clássicos ingleses, a ser mantida em uma caixa "macro" estritamente separada dos preços públicos, de valor e relativos. Até mesmo a melhor análise monetária, como em Ricardo, na *Currency School*, e Irving Fisher, nos Estados Unidos, foi desenvolvida em termos de "níveis de preços", "velocidades" e outros agregados completamente desocupados com qualquer microanálise das ações dos indivíduos.

Em particular, a extensão da análise monetária austríaca enfrentou um obstáculo aparentemente insuperável, o "problema do círculo austríaco". O problema era o seguinte:

*Para bens diretamente consumíveis a utilidade e, portanto, a demanda por um produto pode ser alcançada de forma clara. O consumidor vê o produto, o avalia e o classifica em sua escala de valor. Essas utilidades para os consumidores interagem para formar uma demanda de mercado.*

*A oferta de mercado é determinada pela demanda esperada, e os dois, oferta e demanda, interagem para determinar o preço de mercado. Mas um problema particular é colocado pela utilidade, e pela demanda, por dinheiro. Pois dinheiro é demandado no mercado, e mantido como saldo de caixa, não com vistas a si próprio, mas **somente** para compras presentes ou futuras de outros bens.*

*A natureza diferenciada do dinheiro é a de que ele não é consumido, mas usado apenas como meio de troca para facilitar as trocas no mercado. O dinheiro, portanto, só é demandado no mercado porque tem um poder de compra pré-existente, ou valor ou preço no mercado.*

*Para todos os bens e serviços de consumo, portanto, seu valor e sua demanda logicamente **precedem** e determinam o preço. Mas o valor do dinheiro, embora determinado pela demanda, também o precede; na verdade, uma demanda por dinheiro pressupõe que o dinheiro já tem um valor e preço. Uma explicação causal do valor do dinheiro parece ser fundada em um raciocínio circular inevitável.*

Em 1906, com seu doutorado já fora do caminho, Mises estava determinado em assumir o desafio de Helfferich, aplicando a teoria da utilidade marginal ao dinheiro, e resolvendo assim o problema do círculo austríaco.

Ele dedicou um grande esforço para com os estudos empíricos e teóricos dos problemas monetários. Os primeiros frutos deste estudo foram três artigos acadêmicos, dois em revistas alemãs e um no *English Economic Journal* em 1908-09, sobre controles cambiais e o padrão-ouro na Áustria-Hungria.

No decorrer da redação desses artigos, Mises se convenceu de que, ao contrário do parecer predominante, a inflação monetária era a causa dos déficits na balança de pagamentos em vez de sua solução, e que o crédito bancário não deveria ser "elástico" para atender às supostas necessidades do comércio.

O artigo de Mises sobre o padrão-ouro mostrou-se altamente controverso. Ele pediu por um retorno *de jure* ao padrão-ouro na Áustria-Hungria como uma conclusão lógica da política *de facto* existente de balanceamento.

Além de enfrentar os defensores da inflação, das taxas de juros mais baixas e das taxas de câmbio mais baixas, Mises se surpreendeu



ao enfrentar uma feroz oposição do banco central, o Banco Austro-Húngaro. Na verdade, o vice-presidente do Banco insinuou um suborno para suavizar a posição de Mises.

Alguns anos depois, Mises foi informado por Böhm-Bawerk, então Ministro das Finanças, da razão da veemência da oposição do Banco à sua proposta de um padrão-ouro legal. O resgate legal em ouro provavelmente privaria o Banco do direito de investir fundos em moedas estrangeiras.

Mas o Banco há muito usava os lucros desses investimentos para acumular um fundo secreto e ilegal, a partir do qual pagava subvenções a seus próprios funcionários, bem como a jornalistas e políticos influentes. O Banco estava interessado em manter a verba de suborno, e por isso era apropriado que o oponente mais militante de Mises fosse o editor de um periódico econômico que era ele mesmo um beneficiário de subsídios bancários.

Mises chegou a uma decisão, que ele perseguiu pelo resto de sua carreira na Áustria, de não revelar tal corrupção por parte de seus inimigos, e limitar-se a refutar a doutrina falaciosa sem revelar suas fontes. Mas ao tomar essa posição nobre e autoabnegante, agindo como se seus oponentes fossem todos homens dignos e objetivos acadêmicos, pode-se argumentar que Mises estava legitimando-os e concedendo-lhes estatura muito maior no debate público do que eles mereciam.

Talvez, se o público tivesse sido informado da corrupção que quase sempre acompanha a intervenção do governo, as atividades dos estatistas e inflacionistas poderiam ter tido sua santidade retirada, e a luta heroica e de toda uma vida por parte de Mises contra o estatismo pudesse ter sido mais bem sucedida.

Em suma, talvez fosse necessário um soco de dois momentos: a refutação das falácias econômicas dos inimigos estatistas de Mises, e

também o mostrar ao público sua participação autointeressada no privilégio do governo.<sup>7</sup>

Sua pesquisa preliminar tendo sido concluída, Mises embarcou, em 1909, em seu primeiro trabalho monumental, publicado em 1912 como *Theorie des Geldes und der Umlaufsmittel* [A Teoria do Dinheiro e do Crédito]. Foi uma conquista notável, pois pela primeira vez, a divisão micro/macro que havia começado na economia clássica inglesa com Ricardo foi agora curada. Finalmente, a economia estava completa, uma ciência integral baseada em uma análise lógica, passo a passo, da ação humana individual. O dinheiro foi totalmente integrado em uma análise da ação individual e da economia de mercado.

Baseando sua análise na ação individual, Mises foi capaz de mostrar as profundas falácias da teoria quantitativa, ortodoxa e mecanicista, e da "equação de troca" de Irving Fisher. Um aumento na quantidade de dinheiro não rende mecanicamente um aumento proporcional em um "nível de preço" inexistente, sem afetar utilitários ou preços relativos. Em vez disso, um aumento reduz o poder de compra da unidade monetária, mas o faz inevitavelmente *mudando* os rendimentos e preços relativos. Micro e macro são inextricavelmente misturados. Assim, ao focar na ação individual, na escolha e na demanda por dinheiro, Mises não só foi capaz de integrar a teoria monetária com a teoria austríaca de valor e preço; ele transformou a teoria monetária que era baseada numa concentração irrealista e distorcida nas relações mecanicistas entre os agregados, em uma consistente com a teoria da escolha individual.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Sobre os artigos de Mises sobre ouro e câmbio, sobre as revelações de Böhm-Bawerk revelações, e sobre a decisão de Mises, ver Mises, *Notes*, pp. 43-53.

<sup>8</sup> O foco de Mises na utilidade e na demanda por saldos de dinheiro antecipou uma ênfase aparentemente semelhante por Alfred Marshall e seus discípulos da Escola de Cambridge, Pigou e Robertson. A diferença, no entanto, é que o *K* de Marshall, a demanda por saldos de caixa, era tão agregativo e mecanicista

Além disso, Mises reviveu o essencial insight monetário de Ricardo e da *Currency School* britânica da primeira metade do século XIX: que, embora o dinheiro seja uma mercadoria sujeita à determinação de valor como qualquer outra mercadoria, ele difere em um aspecto crucial. Outras coisas sendo iguais, um aumento na oferta de bens de consumo confere um benefício social ao elevar os padrões de vida. Mas o dinheiro, em contrapartida, tem apenas uma função: ser trocado, agora ou em algum momento no futuro, por bens de capital ou de consumo.

O dinheiro não é comido ou usado como são os bens de consumo, nem usado na produção, como os bens de capital. Um aumento na quantidade de dinheiro só serve para diluir a eficácia cambial de cada franco ou dólar; não confere nenhum benefício social. Na verdade, a razão pela qual o governo e seu sistema bancário controlado tendem a continuar inflando a oferta monetária, é *precisamente porque* o aumento não é concedido a todos igualmente.

Em vez disso, o ponto nodal do aumento inicial é o próprio governo e seu Banco Central; outros primeiros receptores do novo dinheiro são favorecidos novos mutuários dos bancos, empreiteiros para o governo, e os próprios burocratas do governo. Esses primeiros receptores do novo dinheiro, apontou Mises, beneficiam-se às custas daqueles que estão abaixo da linha da cadeia, ou do efeito-cascata, que recebem o novo dinheiro por último, ou de pessoas com renda fixa que nunca recebem o novo fluxo de dinheiro.

Em um sentido profundo, então, a inflação monetária é uma forma oculta de tributação ou de redistribuição de riqueza, *para* o governo e seus grupos favorecidos *em detrimento* do resto da população. A

---

quanto o *V* Fisherino, ou "velocidade de circulação", de modo que o *K* de Cambridge poderia facilmente ser banalizado como o inverso matemático do *V* Fisherino. A demanda em Mises por saldo de caixa, fundamentada como está na demanda de cada indivíduo, não pode ser matematicamente reduzida desta forma.

conclusão de Mises, então, é que, uma vez que há o suficiente da oferta de uma mercadoria a ser estabelecida no mercado como dinheiro, não há *nunca* necessidade de aumentar a oferta monetária. Isso significa que qualquer oferta monetária é "ótima"; e cada mudança na oferta monetária estimulada pelo governo só pode ser perniciosa.<sup>9</sup>

No curso de refutar a noção Fisherina de dinheiro como uma espécie de "medida de valor", Mises fez uma contribuição importante para a teoria da utilidade em geral, uma contribuição que corrigiu uma falha importante na análise de utilidade austríaca de Menger e Böhm-Bawerk. Embora os austríacos mais velhos não enfatizassem essa falha tanto quanto Jevons ou Walras, havia indícios de que eles acreditavam que a utilidade era mensurável, e que há sentido em falar de uma "utilidade total" do fornecimento de um bem que seria uma integral de suas "utilidades marginais".

Mises baseou-se em um insight importante do economista tcheco Franz Cuhel, um estudante do seminário de pós-graduação de Böhm-Bawerk, que uma vez que a utilidade marginal era estritamente subjetiva para cada indivíduo, era puramente um ranking ordinal, e não podia de forma alguma ser adicionada, subtraída ou medida, então *a fortiori* não poderia ser comparada entre diferentes pessoas.

Mises desenvolveu este tema para demonstrar que, portanto, o próprio conceito de "utilidade total" não faz sentido algum, particularmente como uma integral das utilidades marginais. Em vez disso, a utilidade do lote maior de um bem é simplesmente a utilidade marginal de uma unidade maior.

---

<sup>9</sup> Quando o ouro ou alguma outra mercadoria útil é o dinheiro, um aumento no estoque de ouro *confere* um benefício social em seus usos não monetários; por enquanto há mais ouro disponível para joias, para usos industriais e odontológicos, etc. Somente em seus usos *monetários* qualquer fornecimento de ouro é ideal. Quando o papel fiduciário é o padrão monetário, em contraste, não há usos não monetários para tornar palatável um aumento em sua oferta.

Assim, se analisarmos a utilidade ao consumidor de uma caixa de uma dúzia de ovos, é inadmissível fazer desta utilidade uma espécie de "utilidade total", em alguma relação matemática com a "utilidade marginal de um ovo".

Em vez disso, estamos apenas lidando com utilitários marginais de unidades de *diferentes portes*. Em um caso, um pacote de dúzia de ovos, no outro caso um ovo. A única coisa que podemos dizer sobre os dois utilitários marginais é que a utilidade marginal de uma dúzia de ovos vale mais que a de um ovo. E Ponto.

A correção de Mises em relação a seus mentores foi consistente com a metodologia fundamental austríaca de focar sempre nas ações reais dos indivíduos, e não permitir que houvesse dependência por sobre agregados mecanicistas.<sup>10</sup>

Se a visão Cuhel-Mises tivesse sido absorvida no mainstream da teoria da utilidade marginal, a economia teria sido poupada, por um lado, da retirada da utilidade marginal no final da década de 1930 como irremediavelmente cardinal, em benefício das curvas de indiferença e de taxas marginais de substituição; e, por outro lado, as atuais discussões absurdas dos livros de microeconomia de "utils", entidades inexistentes sujeitas a medição e manipulação matemática.

E o famoso problema do círculo austríaco? Mises resolveu isso em uma de suas contribuições mais importantes, e ainda mais negligenciadas, para a economia: o Teorema da Regressão. Mises construiu por sobre o relato lógico-histórico de Menger sobre a origem

---

<sup>10</sup> Para uma discussão sobre este ponto, veja Murray N. Rothbard, *Towards a Reconstruction of Utility and Welfare Economics* (1956, Nova York: Center for Libertarian Studies, 1977), pp. 9-15. A contribuição de Franz Cuhel está em seu *Zur Lehre von den Bedürfnissen* (Innsbruck, 1906), pp. 186ff. A tentativa de Böhm-Bawerk de refutar Cuhel pode ser encontrada em Eugen von Böhm-Bawerk, *Capital and Interest* (Holanda do Sul, IL Libertarian Press, 1959) III, 124-136.

do dinheiro estando fora da troca, e demonstrou logicamente que o dinheiro *pode somente* se originar dessa forma.

Ao fazê-lo, ele resolveu o problema da explicação circular da utilidade do dinheiro. Especificamente, o problema do círculo é que, a qualquer momento, digamos  $DIA_N$ , o valor [poder de compra] do dinheiro naquele dia é determinado por duas entidades: a Oferta de Dinheiro<sub>N</sub> e a Demanda por Dinheiro<sub>N</sub>, que por si só depende de um poder de compra pré-existente no  $DIA_{N-1}$ .

Mises eclodiu deste círculo precisamente entendendo e compreendendo a *dimensão temporal* do problema. Pois o círculo em qualquer dia é quebrado pelo fato de que a Demanda por Dinheiro naquele dia depende do poder de compra de um dia *anterior* e, portanto, de uma demanda de dinheiro nos dias anteriores. Mas não saímos do círculo apenas para pousarmos em uma regressão infinita no tempo, com o poder de compra de cada dia repousando na sua demanda atual por dinheiro, que por sua vez é dependente do poder de compra do dia anterior, por sua vez determinado pela demanda do dia anterior, etc.?

Não adianta escapar do raciocínio circular apenas para pousar em uma regressão de causas que nunca podem ser encerradas. Mas o brilho da solução de Mises é que a regressão lógica no tempo não é infinita: ele fecha precisamente no momento em que o dinheiro é uma mercadoria não monetária útil em um sistema de troca. Em suma, diga que o  $DIA_1$  é o primeiro momento em que uma mercadoria é usada como meio de troca indireta [para simplificar: como "dinheiro"], enquanto no dia 0 anterior é o último dia em que a mercadoria, digamos ouro, foi usada apenas como um bem direto em um sistema de troca.

Nesse caso, a cadeia causal do valor de qualquer dia de dinheiro, digamos  $DIA_N$ , volta logicamente no tempo, para o  $DIA_1$ , e depois volta para o  $DIA_0$ . Em suma, a demanda por ouro no  $DIA_1$  depende do poder de compra do ouro no  $DIA_0$ . Mas então o retrocesso para trás irá parar, uma vez que a Demanda por Ouro no  $DIA_0$  consiste apenas de seu valor direto no consumo, e, portanto, não inclui um componente histórico, ou seja, a existência de preços para o ouro no dia anterior,  $DIA_{-1}$ .

Além de encerrar os determinantes do valor ou poder aquisitivo do dinheiro e, assim, resolver o círculo austríaco, a demonstração de Mises mostrou que, ao contrário de outros bens, os determinantes do valor do dinheiro incluem uma importante dimensão histórica. O Teorema da Regressão também mostra que o dinheiro, em qualquer sociedade, só pode se estabelecer por um processo de mercado emergindo da troca. O dinheiro *não pode ser estabelecido* por um contrato social, pela imposição do governo, ou por esquemas artificiais propostos por economistas. O dinheiro só pode emergir, "organicamente", por assim dizer, vindo do mercado.<sup>11</sup>

A compreensão do Teorema de Regressão de Mises nos pouparia de numerosos esquemas impossíveis, alguns oferecidos por austríacos ou quase austríacos, para criar novos dinheiros ou unidades de moeda do nada: como o "ducado" proposto por F. A. Hayek, ou planos para separar unidades de conta da mídia de câmbio.

Além de sua façanha em integrar a teoria do dinheiro com a economia geral e colocá-lo nas micro bases da ação individual, Mises, em *Teoria do Dinheiro e do Crédito*, transformou a análise existente dos bancos. Voltando à tradição da Ricardiana/Currency, ele demonstrou que eles estavam corretos em querer abolir o crédito inflacionário de reserva fracionária.

---

<sup>11</sup> A apresentação do Teorema da Regressão está em Ludwig von Mises, *The Theory of Money and Credit* (3ª ed., New Haven: Yale University Press, 1953), pp. 108-123. Mises mais tarde respondeu aos críticos do teorema em sua *Human Action* (New Haven: Yale University Press, 1949), pp. 405-413. Para uma resposta aos críticos mais recentes, Gilbert e Patinkin, veja Rothbard, *Towards a Reconstruction*, p. 13, e Rothbard, *Man, Economy and State* (Princeton: Van Nostrand, 1962), I, 231-237, e esp. 448. Veja também Rothbard, "The Austrian Theory of Money" em E. Dolan, ed., *The Foundations of Modern Austrian Economics* (Kansas City: Sheed and Ward, 1976), p. 170. Para a discussão mais recente do Teorema da Regressão, incluindo uma resposta à crítica de Moss a Mises, veja James Rolph Edwards, *The Economist of the Country: Ludwig von Mises in the History of Monetary Thought* (Nova York: Carlton Press, 1985), pp. 49-67.

Mises distinguiu dois tipos separados de funções empreendidas pelos bancos: canalizar a poupança para se tornar crédito produtivo ["commodity credit"], e atuar como um depósito de dinheiro para detenção de dinheiro em segurança. Ambas são funções legítimas e não inflacionárias; o problema vem quando os depósitos de dinheiro emitem e emprestam recibos falsos de depósitos [notas ou depósitos de demanda] para financiar dinheiro que não existe nos cofres do banco ["fiduciary credit"].

Esses passivos de demanda "descobertos" emitidos pelos bancos ampliam a oferta monetária e geram os problemas da inflação. Mises, portanto, favoreceu a abordagem da *Currency School* de reservas de 100% de espécie para passivos. Ele apontou que a Lei de Peel de 1844, estabelecida na Inglaterra sob os princípios da *Currency School*, falhou e desacreditou seus autores ao aplicar 100% de reservas apenas a notas bancárias, e não percebendo que os depósitos em moeda escritural também eram substitutos por dinheiro e, portanto, funcionavam como parte da oferta monetária. Mises escreveu seu livro numa época em que grande parte da profissão de economia ainda não tinha certeza de que a moeda escritural constituía parte da oferta monetária.

Não querendo confiar no governo para impor 100% de reservas, no entanto, Mises defendeu o banco totalmente livre como forma de se aproximar desse ideal. *A Teoria do Dinheiro e do Crédito* demonstrou que a maior força que coordenava e promovia a inflação do crédito bancário era o banco central de cada país, que centralizou as reservas, socorreu os bancos em apuros e garantiu que todos os bancos inflacionassem juntos. Oito anos antes da famosa demonstração de C.A. Phillips, a *Teoria do Dinheiro e do Crédito* mostrou que um banco individual desfrutava de muito pouco espaço para expandir o crédito.

Mas isso não é tudo. Pois Mises começou, nos fundamentos de sua teoria do dinheiro e do crédito, a desenvolver o que se tornaria sua famosa teoria do ciclo econômico — a única teoria integrada à microeconomia geral e baseada nos fundamentos da análise da ação individual. Esses rudimentos foram desenvolvidos ainda na segunda edição da *Teoria do Dinheiro e Crédito* em 1924.



Em primeiro lugar, Mises foi brilhantemente capaz de identificar o processo como essencialmente o mesmo: (a) um banco expande o crédito, logo levando a uma contração e demanda por resgate; e (b) todos os bancos do país, guiados por um banco central, expandem dinheiro e crédito juntos e, assim, ganham mais tempo para que um mecanismo de fluxo de preço-espécie Hume-Ricardo se desenvolva.

Assim, o crédito e a oferta monetária se expandem, os rendimentos e os preços sobem, o ouro flui para fora do país [ou seja, há um déficit na balança de pagamentos], e um conseqüente colapso do crédito e dos bancos, força uma contração de dinheiro e preços, e um fluxo de preço-espécie reverso para o país.

Não só Mises viu que esses dois processos eram basicamente os mesmos; ele também foi o primeiro a ver que aqui estava um modelo rudimentar de um ciclo boom-bust, criado e impulsionado por fatores monetários, especificamente expansão e contração posterior do crédito bancário "criado".

Durante a década de 1920, Mises formulou sua teoria do ciclo econômico a partir de três elementos pré-existentes: o modelo de boom-bust do ciclo econômico da *Currency School*; a diferenciação do sueco "austríaco" Knut Wicksell entre as taxas de juros "naturais" e as bancárias; e a teoria böhm-bawerkiana contida no *Capital e Interest*.

A notável integração de Mises dessas análises anteriormente totalmente separadas mostrou que o crédito bancário inflacionário ou criado, ao bombear mais dinheiro para a economia e reduzir as taxas de juros em empréstimos empresariais abaixo das que seriam no livre mercado, o nível da preferência temporal, inevitavelmente causou um excesso de maus investimentos em indústrias de bens de capital distantes da preferência do consumidor.

Quanto mais tempo o boom do crédito bancário inflacionário continuar, maior o escopo dos maus investimentos em bens de capital, e maior a necessidade de liquidação desses investimentos insanos.

Quando a expansão do crédito reverte, para, ou até mesmo desacelera significativamente, os maus investimentos são revelados.

Mises demonstrou que a recessão, longe de ser uma aberração estranha e inexplicável a ser combatida, é realmente um processo necessário pelo qual a economia de mercado liquida os investimentos insanos do boom, e retorna às proporções certas de consumo/investimento para satisfazer os consumidores da maneira mais eficiente.

Assim, ao contrário dos intervencionistas e estatistas que acreditam que o governo deve intervir para combater o processo de recessão causado pelo funcionamento interno do capitalismo de livre mercado, Mises demonstrou precisamente o contrário: que o governo deve manter as mãos longe da recessão, para que o processo de recessão possa eliminar rapidamente as distorções impostas pelo boom inflacionário criado pelo governo.

Apesar dessas contribuições deslumbrantes de *A Teoria do Dinheiro e do Crédito*, Mises se sentiu frustrado. Ele tinha esculpido uma teoria do dinheiro e do crédito, e, pela primeira vez, integrou-a à teoria econômica geral. Ele viu, também, que a própria teoria geral precisava ser revista, e ele originalmente pretendia estabelecer uma teoria revisada de trocas diretas e de preço relativo, juntamente com sua nova teoria monetária. Ele também queria apresentar uma crítica completa do método matemático que estava em moda na economia.

Mas ele teve que arquivar seu grande plano para uma teoria positiva integrada e uma crítica à economia matemática, porque ele acreditava, com razão, que uma guerra mundial logo iria eclodir. Como Mises escreveu, no meio da próxima trágica guerra mundial,

Se eu pudesse ter trabalhado calmamente e feito as coisas no meu tempo, eu teria começado com uma teoria de troca direta no primeiro volume; e então eu poderia proceder à teoria da troca indireta. Mas eu realmente comecei com a troca indireta,

porque eu acreditava que eu não tinha muito tempo; eu sabia que estávamos na véspera de uma grande guerra e queria completar meu livro antes do início da guerra.<sup>12</sup>

Foi apenas na década de 1940, com *Nationalökonomie* (1940), e sua edição inglesa muito expandida, sua obra-prima, *Ação Humana* (1949), que Ludwig von Mises foi capaz de completar sua grande reconstrução e culminação da teoria econômica.

---

<sup>12</sup> Mises, *Notes*, p. 56.



# A Recepção de Mises e de sua Teoria do Dinheiro e do Crédito

A Teoria do Dinheiro e do Crédito não alcançou nada próximo da recepção que merecia. A profissão de economista dominada pela Escola Historicista-Schmollerita de economia deu ao livro, como era de se esperar, muita pouca atenção. Até os austríacos viraram um ouvido surdo para as brilhantes inovações de Mises. Nessa época, Mises era há anos um membro dedicado do famoso seminário de Eugen von Böhm-Bawerk na Universidade de Viena. Após a publicação da Teoria do Dinheiro e do Crédito, o seminário de Böhm-Bawerk passou dois semestres inteiros discutindo a obra de Mises. O consenso rejeitou totalmente as contribuições de Mises. Böhm-Bawerk admitiu que a lógica de Mises, e sua análise do processo passo-a-passo, estava correta.

Böhm, portanto, não negou que uma mudança na oferta monetária não simplesmente aumentaria todos os preços de forma equiproporcional. Pelo contrário, o dinheiro nunca poderia ser "neutro" para o sistema de preços, e qualquer mudança na oferta de dinheiro deve obrigatoriamente alterar preços e rendimentos relativos.

Böhm admitiu esses pontos, mas depois traiu a essência da metodologia austríaca, alegando que tudo isso poderia ser alegremente ignorado como sendo apenas "atrito". Como Mises disse,

*Segundo ele [Böhm], a velha doutrina estava correta "em princípio" e mantinha sua significância total para uma análise voltada para "ação puramente econômica". Na vida real há resistência e atrito que fazem com que o resultado se desvie daquele que se chegou teoricamente. Tentei em vão*

*convencer Böhm-Bawerk da inadmissibilidade do uso de metáforas emprestadas da mecânica.*<sup>13</sup>

Com Böhm-Bawerk e seus companheiros austríacos tendo incompreensivelmente rejeitando a abordagem "praxeológica" de Mises em oposição à abordagem positivista [ou seja, sua percepção de que cada passo da teoria dedutível tem que ser verdadeiro para evitar injetar erro e falsidade não erradicáveis na teoria] e desprezando sua integração do aspecto monetário na teoria geral e tendo sido desdenhado por schmolleritas e positivistas, Ludwig von Mises partiu sem reclamar para o caminho solitário de esculpir uma nova escola de pensamento econômico "neo-austríaca".

Concordando com ele ou não, Ludwig von Mises era claramente um economista de grandes inovações, certamente digno de um cargo acadêmico na Universidade de Viena. Verdade, que como resultado de sua Teoria do Dinheiro e do Crédito, Mises foi nomeado em 1913 para um cargo como professor na Universidade. Mas foi apenas para o não pago, quiçá prestigiado, posto de *privatdozent*.

Enquanto Mises deu palestras e um seminário semanal de grande sucesso na Universidade pelas próximas duas décadas, ele nunca conseguiu um cargo universitário remunerado, e, portanto, teve que continuar em tempo integral como economista da Câmara de Comércio, e como o principal conselheiro econômico do país. Ele ainda não tinha o lazer necessário para perseguir sem impedimentos seu brilhante trabalho criativo na teoria econômica.

A carreira de Mises, juntamente com a de muitos outros, foi interrompida durante os quatro anos da Primeira Guerra Mundial. Depois de três anos na frente de batalha como oficial de artilharia, Mises passou o último ano da guerra na divisão de economia do Departamento de Guerra, onde ele foi capaz de escrever artigos em revistas sobre comércio exterior, e em oposição à inflação, e publicar

---

<sup>13</sup> Mises, *Notes*, p. 59.

*Nation, Staat und Wirtschaft* [Nação, Estado e Economia] (1919) em nome da liberdade étnica e cultural para todas as minorias.

A questão dos cargos acadêmicos foi então enfrentada plenamente após o fim da guerra. A Universidade de Viena conferiu três cargos remunerados para professores de economia: antes da guerra, eles foram preenchidos por Böhm-Bawerk, seu cunhado Friedrich von Wieser, e Eugen von Philippovich. Böhm morreu tragicamente logo após o início da guerra, Philippovich se aposentou antes da guerra, e Wieser seguiu logo após o fim da guerra.

A primeira vaga foi para o antigo professor de Mises, Carl Grünberg, mas Grünberg foi para uma cadeira em Frankfurt no início da década de 1920. Isso deixou três vagas em Viena, e foi geralmente assumido que Mises iria obter uma delas. Certamente, por qualquer padrão acadêmico, ele merecia.

A cadeira de Grünberg foi para outro historiador, o Conde Ferdinand Degenfeld-Schönburg, uma "não-entidade completa" [Fritz Machlup], cujas únicas qualificações para a posição eram seu título de nobreza e suas "desfigurantes lesões de guerra"<sup>14</sup>.

Mas e os outros dois postos, ambos programados para teóricos, sucedendo Wieser e Böhm-Bawerk? Apesar de suas inovações não serem aceitas pelos austríacos ortodoxos, Mises era claramente o portador da grande tradição austríaca.

Conhecido como um excelente professor, seu artigo em 1920 sobre a impossibilidade de cálculo econômico sob o socialismo foi a crítica teórica mais importante já nivelada ao socialismo. Não só isso: foi tão reconhecido pelos socialistas de todo o continente, que esses trabalharam — sem sucesso — por quase duas décadas para tentar refutar as críticas desafiadoras de Mises.

---

<sup>14</sup> Craver, "Emigration", p. 2.

Mas Mises nunca foi escolhido para um cargo acadêmico remunerado; na verdade, ele foi deixado de lado mais de quatro vezes. Em vez disso, as duas cadeiras teóricas foram (a) para Othmar Spann, um sociólogo organicista austríaco treinado pela Alemanha, mal consciente da economia, que se tornaria um dos mais proeminentes teóricos fascistas da Áustria, e (b) para Hans Mayer, sucessor escolhido a dedo por Wieser, que, apesar de suas contribuições para a teoria da utilidade austríaca, dificilmente estava na mesma liga que Mises.

Mayer, além disso, desaprovava fortemente as conclusões liberais laissez-faire de Mises. O corpo docente da Universidade de Viena, antes da guerra a inveja da Europa, começou a assumir as dimensões de um zoológico, com Spann e Mayer em intriga um contra o outro, e contra Mises, que como um *privatdozent*, era um homem de baixa hierarquia no totem acadêmico.

Mayer humilhava abertamente Spann para os alunos, e sistematicamente batia a porta na cara de Spann se ambos entrassem em uma sala. Spann, por sua vez, cada vez mais antissemita em um ambiente de antissemitismo em desenvolvimento, denunciou nomeações de acadêmicos judeus em reuniões secretas do corpo docente, e também puniu Mayer por apoiar tais nomeações.

Mayer, por outro lado, conseguiu adaptar-se facilmente à suposição nazista do poder na Áustria em 1938, liderando a faculdade em devoção ostensiva à causa nazista. Mayer, na verdade, informou aos nazistas que Spann era insuficientemente pró-nazista, e Spann foi preso e torturado pelos nazistas em consequência.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Após a Segunda Guerra Mundial, Mayer deveria continuar sua carreira de oportunismo sem princípios. Quando os russos ocuparam Viena, eles estavam compreensivelmente prontos para prender Mayer, mas ele tirou seu cartão do Partido Comunista e assegurou aos russos que ele tinha agitado por muito tempo em seu nome. Quando os Aliados substituíram os russos, Mayer estava pronto com seu cartão do partido social-democrata e novamente escapou ileso.



Nesta atmosfera fétida, não é de admirar que Mises relate que Spann e Mayer discriminaram seus alunos, que foram forçados a assistir o seminário de Mises sem se registrar, e "também dificultaram muito para aqueles candidatos a doutorado nas ciências sociais que queriam escrever suas teses comigo; e aqueles que buscavam se qualificar para um seminário universitário tinham de ter cuidado para não serem conhecidos como sendo meus alunos." Os alunos que se inscreveram no seminário de Mises sem se inscrever no seminário de um de seus rivais, não foram autorizados a usar a biblioteca do departamento de economia; mas Mises observa triunfantemente que sua própria biblioteca na Câmara de Comércio era "incomparavelmente melhor" do que a do departamento de economia, então essa restrição, pelo menos, não causou dificuldades aos seus alunos.<sup>16</sup>

Depois de entrevistar amigos e ex-alunos de Mises, Earlene Craver indica que Mises não foi nomeado para uma cadeira de professor porque ele teve três ataques contra ele: (1) ele era um liberal laissez-faire não reconstruído em um mundo de opinião que estava sendo rapidamente capturado pelo socialismo da esquerda marxista ou pela direita corporativista-fascista; (2) ele era judeu, em um país que estava se tornando cada vez mais antissemita;<sup>17</sup> (3) ele era pessoalmente intransigente e não estava disposto a comprometer seus princípios. Os ex-alunos de Mises, F.A. Hayek e Fritz Machlup, concluíram que "as

---

<sup>16</sup> Mises, *Notes*, p. 95.

<sup>17</sup> Karl Popper lembrando-se de Viena na década de 1920 conta que "tornou-se impossível para qualquer um de origem judaica se tornar um professor universitário." Fritz Machlup, um distinto estudante e discípulo de Mises, que era judeu, foi impedido de receber seu diploma de habilitação, o equivalente à segunda metade de um doutorado, que era necessário para permitir que alguém ensinasse na Universidade de Viena como um *privatdozent*. Isso contrastou com o recebimento de suas habilitações para os outros três principais estudantes de Mises, que não eram judeus, Hayek, Haberler e Morgenstern. Machlup lembra que o apoio de um dos três professores titulares era necessário para levar a habilitação a uma votação. Mayer se opôs a ele por causa do ciúme que o consumia de Mises e dos protegidos de Mises. Spann e Degenfeld-Schönburg se recusaram a votar em Machlup por uma questão de princípio antissemita. Craver, "Emigration", pp. 23-24.

realizações de Mises foram tais que dois desses defeitos poderiam ter sido negligenciados — mas nunca três".<sup>18</sup>

Mas há, acredito, outra razão importante para este tratamento vergonhoso que Craver não menciona e que Mises sugere em suas memórias, embora talvez sem ver o significado. Ao contrário de seus inimigos bem sucedidos, como Schmoller e Lujó Brentano, e até mesmo Wieser, nem Menger nem Böhm-Bawerk viram a arena acadêmica como um campo de batalha político a ser conquistado. Assim, ao contrário de seus oponentes, eles se recusaram a promover seus próprios discípulos ou seguidores, ou bloquear a nomeação de seus inimigos.

Na verdade, Böhm-Bawerk inclinou-se ainda mais para trás ao incitar as nomeações de inimigos jurados de si mesmo e da Escola Austríaca. Esta forma curiosa de autoabnegação ajudou a torpedear Mises ou qualquer nomeação acadêmica semelhante. Menger e Böhm aparentemente insistiram na visão ingênua de que a verdade sempre vencerá, sem ajuda, sem prestar atenção, sem perceber que esta não é a maneira como a verdade ganha na arena acadêmica ou em qualquer outra arena.

A verdade deve ser promovida, organizada e deve lutar contra o erro. Mesmo que possamos manter a fé de que a verdade, sem ajuda por estratégia ou táticas, vencerá a longo prazo, infelizmente é uma corrida extremamente longa em que muitos de nós, certamente incluindo Mises, estaremos mortos. No entanto, Menger adotou a visão estratégica arruinada de que "há apenas um método certo para a vitória final de uma ideia científica, deixando cada proposição contrária executar um curso livre e completo".<sup>19</sup>

Enquanto as ideias e a reputação de Mises, ao contrário de seu posto acadêmico, bem como de seus escritos, desfrutavam de uma

---

<sup>18</sup> Craver, "Emigration", p. 5.

<sup>19</sup> Mises, *Notes*, p. 38.

influência crescente na Áustria e no resto da Europa na década de 1920, sua influência no mundo de língua inglesa era muito limitada pelo fato de que a Teoria do Dinheiro e do Crédito não foi traduzida até 1934. O economista americano Benjamin M. Anderson Jr., em seu *The Value of Money* (1917) foi o primeiro escritor de língua inglesa a apreciar o trabalho de Mises, e o restante de sua influência anglo-americana teve de esperar pelo início da década de 1930.

A Teoria do Dinheiro e do Crédito poderia ter sido muito mais influente se não tivesse recebido uma crítica depreciativa e totalmente incompreensível do brilhante jovem economista John Maynard Keynes, então editor do principal periódico econômico acadêmico britânico, o *Economic Journal*.

Keynes escreveu que o livro tinha "considerável mérito", que era "iluminado no mais alto grau possível" [o que quer que isso possa significar], que o autor foi "amplamente lido", mas que no final Keynes ficou decepcionado porque não era "construtivo" ou "original". Bem, o que quer que possa ser pensado sobre A Teoria do Dinheiro e do Crédito, ela foi altamente construtiva e sistemática, e quase extremamente original, e assim a reação de Keynes é intrigante de fato.

O quebra-cabeça foi esclarecido, no entanto, uma década e meia depois, quando, em seu Tratado sobre Dinheiro, Keynes escreveu que "Em alemão, eu só posso entender claramente o que eu já sei, de modo que novas ideias podem passar despercebidas mim pelas dificuldades da língua". A arrogância de tirar o fôlego, a pura ousadia de fazer um review de um livro em uma língua na qual ele não conseguia compreender novas ideias, e depois denunciar o livro por não conter nada de novo era muito característico de Keynes.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> O Review de Keynes está no *n Economic Journal*, Vol. XXIV, pp. 417-419. Sua admissão prejudicial está em seu *Treatise on Money* (Londres, 1930), I, 199, n. 2. O relato de Hayek deste estudo caracteristicamente toma por ausente

---

a arrogância e a ousadia, e trata o episódio como meramente um defeito de aprendizagem, concluindo que "o mundo poderia ter sido salvo de muito sofrimento se o alemão de Lorde Keynes tivesse sido um pouco melhor". O problema com Keynes não estava confinado ao seu conhecimento defeituoso do alemão! Hayek, "Tribute to Ludwig von Mises", em Mises, *My Years*, p. 219.

# Mises nos anos 20: Conselheiro Econômico para o Governo

Assim que voltou do serviço de guerra, Mises retomou seus deveres de ensino não remunerados na universidade, adicionando o seminário de economia em 1918. Mises escreve que ele só continuou trabalhando na Câmara porque um posto universitário pago estava fechado para ele. Apesar de "eu [não] aspirar a uma posição no serviço público", suas funções de ensino e as horas de lazer que dedicou ao ensino criativo, Mises realizou suas inúmeras tarefas como funcionário de economia com grande minuciosidade, energia e desenvoltura.<sup>21</sup>

Após a guerra, além de seu posto na Câmara de Comércio, Mises foi empregado como chefe de um escritório temporário do governo do pós-guerra que lidava com a dívida pré-guerra. O jovem F. A. Hayek, embora estivesse na aula de Mises na universidade, primeiro o conheceu como subordinado de Mises no escritório da dívida pública. Hayek escreve que "lá eu o conheci principalmente como um executivo tremendamente eficiente, o tipo de homem que, como foi dito de John Stuart Mill, em virtude de fazer um dia normal de trabalho em duas horas sempre tem uma mesa limpa e tempo para falar sobre qualquer coisa. Eu o conheci como um dos homens mais educados e informados que eu já conheci [...]".<sup>22</sup>

Muitos anos depois, Mises me contou, com seu charme típico e sua sagacidade gentil, uma história da época em que ele foi nomeado pelo governo austríaco como seu representante para negociações comerciais com o governo bolchevique de Bela Kun no pós-guerra da

---

<sup>21</sup> Mises, *Notes*, p. 73.

<sup>22</sup> Hayek, em Mises, *My Years*, pp. 219-220.

Hungria. Karl Polanyi, mais tarde um conhecido historiador econômico de esquerda nos Estados Unidos foi o representante do governo Kun. "Polanyi e eu sabíamos que o governo Kun cairia em breve", disse Mises a mim com um brilho, "e por isso ambos fizemos questão de arrastar as 'negociações' para que Polanyi pudesse permanecer confortavelmente em Viena. Tivemos muitas satisfatórias caminhadas em Viena até que o governo Kun encontrasse seu fim inevitável."<sup>23</sup>

A Hungria não foi o único governo a se tornar bolchevique temporariamente nas trágicas e caóticas consequências da Primeira Guerra Mundial. Em meio à turbulência da derrota, muitos países da Europa Central e Oriental foram inspirados e tentados a seguir o exemplo da Revolução Bolchevique na Rússia. Partes da Alemanha ficaram bolcheviques por um tempo, e a Alemanha só escapou desse destino por causa da volta à direita do Partido Social-Democrata, anteriormente comprometida com uma revolução marxista.

Foi semelhante ao tocar e ir embora no novo e truncado pequeno país da Áustria, ainda sofrendo com o bloqueio alimentar aliado durante o trágico inverno de 1918-19. O partido marxista social-democrata, liderado pelo brilhante teórico "austro-marxista" Otto Bauer, chefiou o governo austríaco. Em um sentido profundo, o destino da Áustria repousava em Otto Bauer.

Bauer, filho de um rico fabricante boêmio do norte, foi convertido ao marxismo por seu professor do ensino médio, e dedicou sua vida a nunca faltar com zelo pela causa marxista radical. Ele estava determinado a nunca abandonar essa causa para qualquer forma de revisionismo ou oportunismo como tantos marxistas haviam feito no passado (e continuariam a fazer no futuro).

---

<sup>23</sup> Durante três anos antes do início da guerra, Mises, em seu trabalho para a Câmara, tinha investigado as relações comerciais com a Hungria, e por isso era altamente qualificado para o cargo.

Bauer alistou-se no grande seminário de Böhm-Bawerk determinado a usar o conhecimento que ganharia para escrever a refutação marxiana definitiva da famosa demolição de Böhm da teoria de valor trabalho marxista. Durante o seminário, Bauer e Mises tornaram-se amigos íntimos. Bauer eventualmente abandonou a tentativa, virtualmente admitindo a Mises que a teoria do valor trabalho era realmente insustentável.

Agora, com Bauer planejando levar a Áustria para o campo bolchevique, Mises, como conselheiro econômico do governo, e acima de tudo como cidadão de seu condado e como um defensor da liberdade, falou noite após noite, e em grande quantidade com Bauer e sua igualmente dedicada esposa marxista Helene Gumplowicz.

Mises apontou que, com a Áustria drasticamente sem comida, um regime bolchevique em Viena inevitavelmente encontraria seu suprimento de alimentos cortado pelos Aliados, e na fome que se seguiu tal regime não poderia durar mais do que algumas semanas. Finalmente, os Bauers foram relutantemente persuadidos deste fato incontestável, e fizeram o que juraram nunca fazer: virar para a direita e trair a causa bolchevique.

Repreendidos como traidores por marxistas radicais a partir de então, os Bauers se voltaram em fúria contra o homem que eles responsabilizavam por sua ação: Ludwig von Mises. Bauer tentou remover Mises de seu posto na universidade, e a partir daí eles nunca mais se falaram. Curiosamente, Mises reivindica crédito por impedir a aquisição bolchevique da Áustria sozinho; ele não teve ajuda em sua dedicada oposição de partidos conservadores, da Igreja Católica, ou de grupos empresariais ou gerenciais. Mises lembra amargamente que:

*Todos estavam tão convencidos da inevitabilidade da vinda do bolchevismo que tinham a intenção apenas de garantir para si uma posição favorável na nova ordem. A Igreja Católica e seus seguidores, o Partido Social Cristão, estavam prontos para receber o bolchevismo com o mesmo*

*ardor que arcebispos e bispos vinte anos depois receberam o nazismo. Diretores de bancos e grandes industriais esperavam ganhar uma boa vida como "gerentes" sob o Bolchevismo.<sup>24</sup>*

Se Mises conseguiu parar o bolchevismo na Áustria, sua segunda grande tarefa como conselheiro econômico do governo foi apenas parcialmente bem sucedida: combater a inflação de crédito bancário pós-guerra. Armado com sua grande visão e experiência em dinheiro e bancos, Mises estava extraordinariamente bem equipado para ir contra a maré da história e parar a raiva moderna pela inflação e dinheiro barato, uma urgência dada total falta de rédea pelo abandono do padrão-ouro por todos os países europeus em guerra durante a Primeira Guerra Mundial.

Na ingrata tarefa de se opor ao dinheiro barato e à inflação, e pedir um orçamento equilibrado e a cessação de todos os aumentos de notas bancárias, Mises foi auxiliado por seu amigo Wilhelm Rosenberg, um ex-aluno de Carl Menger e um notável advogado e especialista financeiro. Foi por causa de Mises e Rosenberg que a Áustria não seguiu todo o caminho da desastrosa inflação descontrolada que devastaria a Alemanha em 1923.

No entanto, Mises e Rosenberg só conseguiram desacelerar e atrasar os efeitos da inflação em vez de eliminá-la. Devido aos seus esforços heroicos, a coroa austríaca foi estabilizada em 1922 à enorme depreciação — mas ainda não descontrolada — de uma taxa de 14.400 coroas de papel para uma coroa de ouro. No entanto, escreve Mises, sua "vitória veio tarde demais", as consequências destrutivas da inflação continuaram, o capital foi consumido pela inflação e por programas

---

<sup>24</sup> Mises nota que o homem com fama de ser o melhor gerente industrial da Áustria, e um consultor industrial de um banco líder, o *Bodenkreditanstalt*, assegurou a Otto Bauer na presença de Mises que ele realmente preferia servir "o povo" para servir os acionistas. Mises, *Notes*, p. 18. Veja também *ibid.*, pp. 16-19, 77. O colapso do *Bodenkreditanstalt* em 1931 foi precipitar a crise bancária europeia e a Grande Depressão.



estatais de bem-estar social, e o colapso bancário finalmente chegou em 1931, adiado pelos esforços de Mises por dez anos.

A fim de prosseguir sua batalha inabalável contra a inflação, Mises e Rosenberg procuraram aliados políticos, e conseguiram garantir o apoio relutante do Partido Social Cristão, em particular de seu líder Padre Ignaz Seipel. Antes de Seipel concordar em estabilizar a coroa em 1922, Mises e Rosenberg o alertaram de que toda paralisação da inflação resulta em uma "recessão de estabilização", e que ele deveria estar preparado para sofrer as queixas do público quando a inevitável recessão ocorreu. Infelizmente, o partido colocou seus assuntos financeiros nas mãos do advogado Gottfried Kunwald, um corrupto que garantiu contratos governamentais privilegiados a políticos e empresários camaradas.

Enquanto Kunwald, em privado, viu que Mises estava certo, e que uma continuação das políticas inflacionárias após a estabilização estava levando a uma catástrofe, ele insistiu que Mises como economista do governo se mantivesse calado sobre a realidade da situação para não assustar o público ou os mercados externos sobre a situação dos bancos. E, em particular, para que Kunwald não perdesse sua influência na aquisição de licenças e contratos governamentais para seus clientes. Mises estava realmente no meio de uma situação sufocante.

Em 1926, Mises fundou o Instituto Austríaco de Pesquisa dos Ciclos Econômicos. Quatro anos depois, Mises tornou-se membro da prestigiada e governamental Comissão Econômica para investigar as dificuldades econômicas da Áustria. Quando Mises preparou um relatório para a Comissão, ficou claro que os bancos estavam a ponto de entrar em colapso e que a Áustria estava desastrosamente consumindo capital.

Os bancos, é claro, opuseram-se à Comissão e ao Instituto que publicou o relatório e, assim, colocaram em risco suas próprias posições precárias. Mises estava dividido entre sua devoção à verdade científica e seu compromisso de tentar reforçar o sistema existente pelo maior tempo possível; e assim, em um compromisso, ele concordou que nem

a Comissão nem o Instituto publicariam o relatório, mas, em vez disso, o relatório prejudicial apareceria sob o nome pessoal do diretor do Instituto, Oskar Morgenstern.

Sob essas pressões incapacitantes, não era de admirar que Wilhelm Rosenberg, desesperado pela situação, fosse levado à morte; Mises, no entanto, lutou bravamente e deve ter sido quase um alívio para ele quando os bancos austríacos encontraram sua inevitável desgraça em 1931.<sup>25</sup>

As palavras de Mises aplicam-se tanto à sua luta contra a inflação quanto se aplicam explicitamente à sua longa e perdida luta contra a eventual aquisição nazista da Áustria:

*Durante dezesseis anos eu lutei uma batalha na Câmara na qual eu ganhei nada mais do que um mero atraso da catástrofe. Fiz sacrifícios pessoais pesados, embora sempre tenha previsto que o sucesso me seria negado. Mas não me arrependo de ter tentado o impossível. Eu não poderia agir de outra forma. Lutei porque eu não poderia ter feito de outra forma.*<sup>26</sup>

Mises era frequentemente acusado de ser intransigente e inflexível. Em uma passagem comovente em suas memórias, Mises olhou para trás em sua carreira como conselheiro do governo e repreendeu-se pelo erro oposto — de comprometer-se demais:

---

<sup>25</sup> Mises, *Notes*, pp. 77-83.

Mises escreve que, dada a sua reputação em matéria monetária e bancária, vários grandes bancos ofereceram-lhe uma posição em seus conselhos. Ele acrescenta que "até 1921 eu sempre recusei pela razão de que eles se recusaram a dar a garantia de que meu conselho seria seguido: depois de 1921 eu recusei porque considerei todos os bancos insolventes e irremediavelmente perdidos. Os eventos me entediam." *Ibid.*, p. 73.

<sup>26</sup> Mises, *Notes*, pp. 91-92.

*Ocasionalmente eu era reprovado porque eu fazia o meu ponto ser muito direto e intransigente, e me disseram que eu poderia ter conseguido mais se eu tivesse mostrado mais vontade de me comprometer. [...]*

*Eu senti que a crítica era injustificada; Eu só poderia ser eficaz se eu apresentasse a situação com sinceridade como eu a vi. Hoje ao olhar para trás, para minha atividade na Câmara, lamento apenas a minha vontade de me comprometer, não a minha intransigência. Eu estava sempre pronto para ceder em assuntos sem importância se eu pudesse salvar outras questões mais importantes.*

*Ocasionalmente, até fiz compromissos intelectuais assinando relatórios que incluíam declarações que não representavam minha posição. Essa foi a única maneira possível de obter aceitação pela Assembleia Geral da Câmara ou aprovação pelo público de assuntos que considere importantes.<sup>27</sup>*

---

<sup>27</sup>

Mises, Notes, p. 74.



# Mises nos anos 20: Acadêmico e Criador

A Revolução Bolchevique, bem como o crescimento do sentimento corporativista durante e após a Primeira Guerra Mundial, transformaram o socialismo de uma visão utópica e um objetivo em uma realidade difundida. Antes de Mises virar seu grande holofote sobre o problema, as críticas ao socialismo tinham sido estritamente morais ou políticas, enfatizando seu uso de coerção maciça. Ou, se econômico, eles tinham focado nos graves efeitos dos desincentivos da propriedade comum ou coletiva (muitas vezes expressa no lema, "Sob o socialismo, quem vai tirar o lixo?").

Mas Mises, abordando o problema em um artigo entregue à *Nationalökonomisch Gesellschaft* [Sociedade Econômica] em 1919, veio com a demolição mais devastadora possível: a impossibilidade de cálculo econômico sob o socialismo. O artigo de Mises foi publicado no ano seguinte como "*Die Wirtschaftsrechnung im sozialistischen Gemeinwesen*" ("O Cálculo Econômico na Comunidade Socialista"), no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*.

Foi um verdadeiro choque para os socialistas atenciosos, pois demonstrou que, uma vez que o conselho de planejamento socialista seria privado de um sistema de preços genuíno para os meios de produção, os planejadores seriam incapazes de calcular racionalmente os custos, a rentabilidade ou a produtividade desses recursos, e, portanto, seriam incapazes de alocar recursos racionalmente em uma economia moderna e complexa.

O impacto impressionante do argumento de Mises veio do fato que se propunha a demolir o socialismo em seus próprios termos. Um objetivo crucial do socialismo era que os planejadores centrais alocassem recursos para cumprir as metas dos planejadores.

Mas Mises mostrou que, mesmo que deixemos de lado a questão vexatória de se as metas dos planejadores coincidirão com o bem público, o socialismo não permitiria que os planejadores alcançassem seus próprios objetivos racionalmente, muito menos os dos consumidores ou do interesse público.

Pois planejamento racional e alocação dos recursos exigem a capacidade de se envolver em cálculo econômico, e tal cálculo, por sua vez, requer que os preços dos recursos sejam definidos em mercados livres onde títulos de propriedade são trocados por proprietários de propriedade privada.

Mas como a própria marca do socialismo é a propriedade governamental ou coletiva [ou, no mínimo, o controle] de todos os meios não humanos de produção — terra e capital — isso significa que o socialismo não será capaz de calcular ou planejar racionalmente um sistema econômico moderno.

O profundo artigo de Mises teve um impacto *blockbuster* sobre os socialistas europeus, particularmente nos países de língua alemã, nas duas décadas seguintes, quando um socialista após o outro tentou resolver o problema de Mises. No final da década de 1930, os socialistas estavam confiantes de que tinham resolvido isso usando a economia matemática, competição neoclássica e suposições de equilíbrio geral, e, particularmente nos esquemas de Oskar Lange e Abba P. Lerner, pelo conselho central de planejamento ordenando aos vários gestores formas socialistas para "fingir" mercados e preços de mercado.

Mises expandiu seus argumentos em artigos de revistas e em sua crítica abrangente, *Die Gemeinwirtschaft* [Socialismo] em 1922. Seu artigo seminal foi finalmente traduzido para o inglês em 1935, e seu *Socialismo* um ano depois, e F. A. Hayek também pesava na elaboração e desenvolvimento. Finalmente, Mises deu a refutação final aos socialistas em sua monumental *Ação Humana* em 1949.

Enquanto a linha oficial dos livros didáticos da década de 1940 — quando o socialismo havia triunfado entre os intelectuais — decretou

que Lange e Lerner tinham resolvido a questão crucial colocada por Mises, Mises e o livre mercado tiveram a última risada.

É agora geralmente reconhecido, especialmente nos países comunistas, que Mises e Hayek estavam certos, e que os enormes defeitos do planejamento socialista na prática têm confirmado suas opiniões. Em praticamente todos os países comunistas há um rápido movimento em direção ao livre mercado, e até mesmo à reconstituição de um mercado de ações, um mercado em títulos para propriedade privada. Enquanto isso, os intelectuais socialistas no Ocidente, mais afastados da dura realidade socialista, afastam-se do problema repudiando o próprio objetivo de alocação racional e cálculo completamente, e por falar de instinto e irracionalidade sendo o cerne e glória do socialismo.

O cerne e a essência dos argumentos Misesianos posteriores foram todos previstos e encapsulados em seu artigo original de 1920. Está na moda em alguns círculos austríacos modernos identificarem a diferença crucial entre Mises e os socialistas como incerteza empreendedora versus conhecimento perfeito e o equilíbrio geral por parte dos socialistas. Mas essa não é a abordagem de Mises.

Mises escreve que ele foi levado a considerar o problema do cálculo econômico sob o socialismo por seu trabalho na Teoria do Dinheiro e do Crédito. Aqui Mises percebeu pela primeira vez com grande clareza que a economia monetária não tem e não consegue calcular ou medir valores diretamente: que só calcula com preços de dinheiro, os resultantes de tais avaliações individuais.

Assim, Mises percebeu que apenas um mercado com preços monetários baseado nas valorações e trocas de proprietários privados pode alocar racionalmente recursos, uma vez que não há como um governo calcular valores diretamente.

Dessa forma, para Mises, seu artigo e seu livro sobre socialismo faziam parte do desenvolvimento de sua integração ampliada de micro

e macro, de câmbio direto e monetário, que ele havia começado, mas não concluído em Teoria do Dinheiro e do Crédito.

Assim, o foco hayekiano posterior no conhecimento descentralizado e inovações foram importantes insights e elaborações sobre o principal ponto Misesiano, mas não eram a questão central. O ponto central de Mises é que, mesmo que houvesse os recursos, valores e a tecnologia, mesmo abstraindo de suas mudanças, mesmo assim, o socialismo, privado de propriedade privada e mercados livres, não conseguia calcular ou alocar racionalmente recursos. Claro, *a fortiori*, certamente não poderia fazê-lo no mundo real da mudança.

Assim, compare a seguinte rejeição de Mises dos socialistas com o contemporâneo foco exclusivo austríaco na incerteza:

*Eles [os socialistas] não conseguiram ver o primeiro desafio: Como pode a ação econômica que sempre consiste em preferir e deixar de lado, ou seja, fazer valorações desiguais, ser transformada em valorações iguais, pelo uso de equações?*<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Mises, *Notes*, p. 112.

Em contraste com Lavoie, que vê o aspecto da incerteza empreendedora do argumento como central desde a época do primeiro artigo de Mises, Kirzner vê corretamente uma mudança de foco com o argumento de equilíbrio mais "estático" dominante no início. Infelizmente, Kirzner considera a ênfase posterior na incerteza e na mudança não tanto como uma elaboração do argumento original (que era), mas como uma *melhoria*, devido à mudança do equilíbrio para considerações mais dinâmicas. Assim, Kirzner sente falta da centralidade absoluta do foco "estático" original, o que torna a impossibilidade do cálculo econômico de Mises (sob *dadas* condições *bem como* sob incertas condições) um argumento muito mais forte contra o socialismo do que as versões hayekianas ou kirznerianas posteriores.

O primeiro artigo de Mises está em F.A. Hayek, ed., *Collective Economic Planning* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1935), e suas últimas visões estão em *Human Action* (New Haven: Yale University Press, 1949), pp. As opiniões de Lavoie estão em sua *Rivalry and Central Planning* (Cambridge:



*Assim, os defensores do socialismo chegaram à absurda recomendação de substituição de equações de catalíticos matemáticos, retratando uma imagem da qual a ação humana é eliminada, para o cálculo monetário na economia de mercado.<sup>29</sup>*

O livro de Mises *Socialismo* teve uma enorme influência durante os anos 20 e 30, não apenas em levantar questões profundas dos socialistas, mas também na conversão de inúmeros jovens intelectuais socialistas à causa da liberdade e dos mercados livres. Brilhantes jovens socialistas Friedrich A. Hayek, Wilhelm Röpke na Alemanha, e Lionel Robbins na Inglaterra, estavam entre os muitos convertidos pelo *Socialismo*, e que se tornaram por muitos anos seguidores e discípulos de Mises também.<sup>30</sup>

Durante a década de 1920, Mises também continuou a desenvolver a teoria dos ciclos econômicos que havia emergido de sua integração de dinheiro na microeconomia geral em Teoria do Dinheiro e do Crédito. Em artigos e livros, Mises expandiu sua teoria, alertou contra a política de crédito inflacionário daquela época, e se envolveu em uma crítica cintilante das visões de estabilização proto-monetarista daquele economista favorito da Nova Era dos anos 1920, Irving Fisher.

---

Cambridge University Press, 1985). As de Kirzner estão em Israel M. Kirzner, "The Economic Calculation Debate: Lessons for Austrians", *Review of Austrian Economics*, 2 (1987), pp. 1-18. O melhor e mais abrangente trabalho no debate de cálculo socialista ainda é Trygve J.B. Hoff *Economic Calculation in the Socialist Society* (London William Hodge & Co., 1949).

<sup>29</sup> As conclusões são reforçadas pelo professor Joseph Salerno, que conclui de seus estudos que as contribuições de Hayek, embora aparentemente mais dinâmicas que as de Mises, são na verdade muito mais estáticas ao quase ignorar totalmente o empreendedorismo. Os agentes econômicos de Hayek tendem a ser destinatários passivos de informações em vez de avaliadores e preditores empreendedores. Discutam com o Professor Salerno.

<sup>30</sup> Sobre o enorme impacto do *Socialismo* de Mises sobre Hayek e sua geração, ver Hayek, em Mises, *My Life*, pp. 220-221.

Fisher e seus discípulos insistiram que tudo estava bem durante a década de 1920 porque, por exemplo, o nível de preços nos Estados Unidos permaneceu constante. Para Mises, o ponto importante foi mascarado pelo nível de preços causados pelo aumento da produtividade: que o crédito inflacionário estava criando booms insanos no investimento de capital e nos mercados de títulos de capital — mercados de ações e imóveis. Os avisos de Mises sobre o colapso financeiro e a depressão foram lembrados após 1929, embora tenham sido geralmente desprezados na época.<sup>31</sup>

As primeiras pesquisas de Mises lhe ensinaram que a intervenção do governo quase invariavelmente se mostrou contraproducente; e suas explorações em dinheiro e ciclos econômicos amplamente confirmaram e reforçaram essa percepção. Em uma série de artigos na década de 1920, Mises investigou várias formas de intervenção governamental, e mostrou que todas elas são ineficazes e contraproducentes. [Os ensaios foram publicados em forma de livro como *Kritik des Interventionismus* em 1929.]

Na verdade, Mises chegou a uma lei geral que, sempre que o governo interveio na economia para resolver um problema, invariavelmente acabava, não apenas em não resolver o problema original, mas também na criação de um ou dois outros, cada um dos quais parecia então clamar por mais intervenções governamentais.

Dessa forma, ele mostrou que o intervencionismo do governo, ou uma "economia mista", era instável. Cada intervenção só cria novos problemas, que confrontam o governo com uma escolha: ou revogam a intervenção original, ou vão para novas. Desta forma, a intervenção governamental é um sistema instável, levando logicamente de volta ao *laissez-faire* ou ao socialismo pleno.

---

<sup>31</sup> Os mais importantes escritos dos ciclos econômicos de Mises dos anos 1920 e início dos anos 1930 foram traduzidos e publicados em Ludwig von Mises, *On the Manipulation of Money and Credit* (Dobbs Fern; NY: Free Market Books, 1978).

Mas Mises sabia, em seu estudo sobre o socialismo, que um sistema socialista era "impossível" para o mundo moderno: ou seja, faltava o sistema de preços necessário ao cálculo econômico e, portanto, necessário para administrar uma economia industrial moderna. Mas se o intervencionismo é instável, e o socialismo é impossível, então a única política econômica lógica para um sistema industrial moderno era o liberalismo laissez-faire.

Mises, assim, assumiu o compromisso bastante vago com a economia de mercado de seus antecessores austríacos e o transformou em uma adesão lógica, consistente e intransigente ao laissez-faire. De acordo com essa visão, Mises publicou seu trabalho abrangente, *Liberalismo*, sobre o liberalismo "clássico", ou laissez-faire, em 1927.

Assim, enquanto Mises ainda não tinha concluído seu tratado abrangente sobre economia, ele tinha, no final da década de 1920, martelado a completa e minuciosa parte da economia política de seu grande sistema em desenvolvimento. Laissez-faire, intervencionismo e socialismo foram agora comparados e contrastados em detalhes, e um compromisso apaixonado foi feito por Mises com laissez-faire.

O fortalecimento desse compromisso era uma visão que ele já havia estabelecido no *Socialismo*: que a divisão do trabalho, e seus concomitantes, propriedade privada e liberdade de trocas, eram absolutamente básicos para a civilização e para a própria sociedade.

O que Mises estava constantemente defendendo, e o que seus oponentes de outras escolas de economia política estavam minando, eram as próprias condições necessárias para a manutenção da civilização e de uma economia que sustenta os altos níveis modernos de população.

Em sua eloquente discussão sobre a sociedade e a divisão do trabalho, e em seu contraste spenceriano do princípio industrial versus militarista, Mises também se baseou na visão crucial austríaca de que ambas as partes, o comprador e o vendedor, o empregador e o trabalhador, necessariamente se beneficiam de cada ato de troca.

Mises conclui que a adoção e o desenvolvimento da divisão do trabalho repousam na razão e vontade do homem, em seu reconhecimento dos benefícios mútuos da troca. Essa ênfase na razão humana e vontade, nas tradições mais nobres do racionalismo, contrastam fortemente com a ênfase hayekiana ou escocesa na sociedade ou no mercado como produto de algum tipo de tropismo ou instinto, por exemplo, a ênfase de Hayek no surgimento tropístico e insípido da "ordem espontânea", ou a conjuração de Adam Smith de um instinto espúrio, ou "propensão a trocar e permutar" [*Truck and Barter*], como explicação da troca.<sup>32</sup>

De fato, aproveitando a ocasião de escrever um prefácio para uma reimpressão do *Socialismo* publicada anos após a morte de Mises, F.A. Hayek alterou significativamente o elogio puro do livro que ele havia esbanjado em um jantar de tributo a Mises mais de vinte anos antes.

Agora ele criticou severamente a referência de Mises no *Socialismo* à "cooperação social [em particular, a economia de mercado] como uma emanção de utilidade racionalmente reconhecida", como um exemplo de "racionalismo extremo" e como factualmente incorreta. Ele prosseguiu com a "explicação" insultante de que Mises não tinha sido capaz de "escapar" de tal racionalismo "como uma criança de seu tempo", uma declaração curiosa desde que o "tempo" de Mises era de um irracionalismo generalizado.

Hayek, em contraste, afirma fortemente que "certamente não foi uma visão racional de seus benefícios gerais que levaram à disseminação da economia de mercado". Se não é isso, pergunta-se então como a economia de mercado se estabeleceu em primeiro lugar. Para cada troca individual, nenhuma pessoa se envolveria nisso a menos que soubesse consciente e "racionalmente" que se beneficiaria.

---

<sup>32</sup> Veja em particular, Ludwig von Mises, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis* (New Haven: Yale University Press, 1951), pp. 289-313. Estou em dívida com o Professor Joseph Salerno por chamar minha atenção para essas passagens.

E quanto à economia de mercado como um todo, Hayek, que em seus escritos anteriores havia declarado formalmente que as ideias fazem a história, não consegue explicar como o livre mercado surgiu. Além disso, Hayek ignora, assim, mais de dois séculos de um movimento liberal clássico na Europa Ocidental e nos Estados Unidos dedicado à liberdade e aos livres mercados.

Ao negligenciar o ponto fundamental que todas as ações humanas são determinadas pelos valores e ideias dos indivíduos, uma visão "praxiológica" no coração do pensamento Misesiano, Hayek só pode acreditar, mesmo que sem declarar explicitamente, que os seres humanos não são agentes e escolhedores conscientes, mas apenas mecanismos de estímulos e respostas tropísticos.<sup>33</sup>

Notavelmente, não esgotamos de forma alguma a extensão das profundas contribuições de Ludwig von Mises para o ensino e para a economia durante a década de 1920. Desde seus primeiros dias, Mises enfrentou e desafiou a Escola Histórica de Economia dominante na Alemanha.

A Escola Histórica foi marcada por sua insistência de que não pode haver leis econômicas que transcendam a mera descrição das circunstâncias do tempo e do lugar individuais, e que a única economia legítima, portanto, não é a teoria, mas um mero exame da história.

Politicamente, isso significava que não havia leis econômicas inconvenientes para o governo violar, e causar consequências contraproducentes das medidas governamentais. Não é à toa que o

---

<sup>33</sup> F.A. Hayek, "Foreword", Ludwig von Mises, *Socialism* (Indianápolis: Liberty Press/Liberty Classics, 1981), pp. xxiii-xxiv. Estou em dívida com o Professor Hans-Hermann Hoppe por chamar minha atenção para esta passagem. O tributo de Hayek a Mises em 1956 está em Mises, *My Years*, pp. 217-223, e sua discussão sobre o socialismo em *ibid.*, pp. 220-221. É curioso que Hayek nem sequer mencione, muito menos tente refutar, a apresentação completa de Mises do caso racionalista no *Socialismo* (1951), Parte III, Capítulo II, "Sociedade", pp. 289-313 [visto. 32 supra].

diretor da Escola Histórica, Gustav Schmoller, da Universidade de Berlim, declarou que a função dos acadêmicos alemães era a de formar "o guarda-costas intelectual da Casa de Hohenzollern".

Durante a década de 1920, o Institucionalismo, uma ramificação da Escola Histórica, mas desprovido de escolaridade ou base intelectual deste último, tornou-se dominante nos Estados Unidos. Mises estava certamente correto ao se referir a esses grupos, em seus seminários, como "antieconomistas".

Mas, além disso, Mises viu a metodologia econômica que tinha sido habitualmente empregada pelos austríacos e por muitos economistas clássicos como Say e Senior, atacada em diferentes motivos por um novo grupo, positivistas lógicos, gerados em sua Viena natal.

De fato, o irmão mais novo de Ludwig, por dois anos, Richard von Mises, um matemático e engenheiro aeronáutico, tornou-se um membro importante desse "Círculo de Viena". Além disso, um dos alunos dedicados do seminário de Mises, Felix Kaufmann, foi mais tarde escrever uma obra positivista sobre a metodologia das ciências sociais.

Este Círculo de Viena, ou "Círculo schlick" em homenagem ao seu líder, era pequeno em número, mas cada vez mais dominante nos círculos filosóficos vienenses, e mais tarde ganhou praticamente total domínio sobre o cenário filosófico nos Estados Unidos por décadas após a Segunda Guerra Mundial, depois de emigrar para os principais postos acadêmicos nos EUA.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> *The Vienna Circle* incluía, além de Kaufmann e Richard von Mises, seu líder Moritz J. Schlick, e Otto Neurath, Rudolf Carnap, Carl C. Hempel, Herbert Feigl e Gustav Bergmann. Outros viajantes e também positivistas lógicos com seus próprios círculos foram Ludwig Wittgenstein e Karl Popper. [Popperianos fanáticos afirmam que existem enormes diferenças entre os positivistas e

Uma história, que Mises contou a mim sobre os positivistas lógicos e seu impacto, era característica de sua inteligência e charme. Ele estava andando por Viena com seu bom amigo, o filósofo alemão Max Scheler. "O que há no clima desta cidade", Scheler acenou ao seu redor, "que gera tantos positivistas lógicos em seus mantos brancos?" "Bem, Max", respondeu Mises, "em Viena tem dois milhões de pessoas, e apenas doze positivistas lógicos. Então não pode ser o clima".

Os positivistas lógicos apresentaram seu próprio grave desafio à teoria econômica, reivindicando que o direito econômico só poderia ser estabelecido provisoria e hesitantemente, e depois apenas por "testar" as consequências de tais leis por fato empírico (na prática, estatístico). Com base em sua própria interpretação dos métodos das ciências físicas, os positivistas tentaram cortar as metodologias que viam como "não científicas".

Os ataques dos institucionalistas e especialmente dos positivistas sobre a teoria econômica forçaram Mises a pensar profundamente sobre a metodologia da economia, e também sobre a epistemologia básica das ciências da ação humana. Pensando profundamente sobre o assunto, ele chegou à primeira defesa filosoficamente autoconsciente do método econômico usado pelos austríacos anteriores e alguns dos classicistas.

Além disso, ele foi capaz de demonstrar a natureza verdadeiramente "científica" deste método correto, e mostrar que a

---

Popper, mas da perspectiva atual do autor estas são em grande parte distinções sem diferença.] Os dois irmãos Mises parecem ter sido afastados desde cedo. Eles se reconciliaram formalmente após o casamento de Ludwig em 1938, mas nunca foram próximos. Uma vez, quando o livro de Richard *Positivism* foi publicado, perguntei a Ludwig von Mises o que ele achava do livro de seu irmão. Mises se colocou em uma pose estranhamente severa, olhos piscando: "Eu discordo desse livro", ele afirmou com profunda certeza, "desde a primeira frase até a última". Não usou um tom que me convidou a mais inquérito.

metodologia positivista em desenvolvimento de muito da economia neoclássica foi, em si, profundamente equivocada e não científica.

Resumindo, Mises demonstrou que todo o conhecimento da ação humana repousa no dualismo metodológico, em uma profunda diferença entre o estudo de seres humanos, por um lado, e de pedras, moléculas ou átomos, por outro. A diferença é que os seres humanos individuais estão conscientes, adotam valores e fazem escolhas, agem com base na tentativa de atingir esses valores e objetivos.

Ele ressaltou que esse axioma de ação é evidente, o que é (a) evidente para o si mesmo uma vez apontado, e (b) não pode ser refutado sem autocontradição, ou seja, sem usar o axioma em qualquer tentativa de refutá-lo. Uma vez que o axioma da ação é evidentemente verdadeiro, quaisquer deduções lógicas ou implicações dessa ação devem ser absolutamente, intransigentemente, "apoditicamente", verdadeiras também.

Não só esse corpo da teoria econômica é absolutamente verdadeiro, quanto, portanto, qualquer conversa sobre "testar" sua verdade é absurda e sem sentido, uma vez que os axiomas são evidentes e nenhum "teste" poderia ocorrer sem empregar o axioma. Além disso, nenhum "teste" pode ocorrer, uma vez que eventos históricos não são, assim como eventos naturais em laboratório, homogêneos, replicáveis e controláveis.

Em vez disso, todos os eventos históricos são heterogêneos, não replicáveis, e resultantes de causas complexas. O papel da história econômica, passada e contemporânea, então, não é "testar" a teoria, mas ilustrar a teoria em ação e usá-la para explicar eventos históricos.

Mises também viu que a teoria econômica era a lógica formal do fato inevitável da ação humana, e que tal teoria não estava, portanto, preocupada com o conteúdo de tal ação, ou com explicações psicológicas de valores e motivos. A teoria econômica foi a implicação do fato formal da ação. Assim, Mises, nos anos posteriores, a chamaria de "praxeologia", a lógica da ação.



Em sua crítica ao positivismo lógico, Mises viu que uma filosofia que tratava as pessoas como se fossem pedras e átomos, cujo comportamento poderia ser previsto e determinado de acordo com as leis quantitativas, era particularmente provável que levasse ao ponto de vista dos engenheiros sociais, que lidam com as pessoas como se fossem objetos físicos inanimados. De fato, o positivista Otto Neurath foi um dos principais teóricos socialistas da Europa Central. Mises escreveu que essa abordagem supostamente "científica" estudaria

*o comportamento dos seres humanos de acordo com os métodos que a física newtoniana recorre no estudo da massa e do movimento. Com base nessa abordagem supostamente "positiva" para os problemas da humanidade, eles planejam desenvolver a "engenharia social", uma nova técnica que permitiria o "czar econômico" dos planejadores da sociedade do futuro para lidar com homens vivos da mesma maneira que a tecnologia permite ao engenheiro lidar com materiais inanimados.<sup>35</sup>*

Mises começou a publicar sua série de artigos epistemológicos em 1928, e então coletou e publicou em seu trabalho filosófico e metodológico seminal, *Grundprobleme der Nationalökonomie* [Problemas Epistemológicos da Economia] em 1933.

---

<sup>35</sup> Ludwig von Mises, *Epistemological Problems of Economics* (1960, Nova York: New York University Press, 1978), p. xiii.



# Mises nos anos 20: Professor e Mentor

Como Mises estava sob severas restrições em seu posto de professor na Universidade de Viena, como observado acima, sua influência no ensino universitário foi severamente limitada. Enquanto Misesianos marcantes da década de 1920 como F. A. Hayek, Gottfried von Haberler e Oskar Morgenstern estudaram com Mises enquanto estavam na graduação, Fritz Machlup foi seu único doutorando. E Machlup foi impedido de adquirir seu diploma de habilitação, o que lhe permitiria ensinar como *privatdozent*, pelo antissemitismo entre os professores de economia.<sup>36</sup>

A enorme influência de Mises, como professor e mentor, surgiu ao invés disso do seminário privado que ele fundou em seu escritório na Câmara de Comércio. De 1920 até partir para Genebra em 1934, Mises realizou o seminário todas as sextas-feiras das sete às dez horas [as contas dos participantes diferem ligeiramente], depois eles se dirigiam para o restaurante italiano Anchora Verde para jantar, e então, por volta da meia-noite, os seminaristas, invariavelmente incluindo Mises, iam para o Café Künstler, o café favorito de Viena para economistas, até uma da manhã ou depois.

O seminário Mises não deu notas, e não tinha nenhuma função oficial de qualquer tipo, seja na Universidade ou na Câmara de Comércio. No entanto, tais foram as qualidades notáveis de Mises como acadêmico e professor que, muito rapidamente, seu *Privatseminar* se tornou o seminário e fórum em toda a Europa para discussão e pesquisa em economia e ciências sociais. Um convite para participar e frequentar

---

<sup>36</sup>

Ver nota 17, acima.

foi considerado uma grande honra, e o seminário logo se tornou um centro informal, mas crucialmente importante para pós-doutorado.

A lista de nomes eminentes posteriores dos participantes do *Miseskreis*, da Inglaterra e dos Estados Unidos, bem como da Áustria, é verdadeiramente impressionante.

Apesar da reputação de Mises como um lutador intransigente por suas crenças, todos os participantes testemunham que ele conduziu seu seminário privado como um fórum de discussão, com grande respeito pelas opiniões de todos, e sem tentar prender os membros em sua própria posição. Assim, o Dr. Paul N. Rosenstein-Rodan, um estudante de Hans Mayer e mais tarde economista nas Nações Unidas, escreveu em memória ao seminário de Mises:

*[...] Eu era um admirador entusiasmado da teoria monetária de Mises e muito cético sobre seu liberalismo extremo [laissez-faire]. Uma prova do quão elástico e tolerante (apesar de uma opinião geral contrária) Mises foi é o fato que mantivemos uma relação muito boa, apesar de eu ser "pink" ou melhor ter uma visão muito fabiana sobre a vida, que eu não mudei.<sup>37</sup>*

O próprio Mises escreveu comovente do seminário e a maneira como ele o conduziu:

*Meu principal esforço de ensino foi focado no meu Privatseminar. [...] Nesses encontros discutimos informalmente todos os importantes problemas da economia, filosofia social, sociologia, lógica e epistemologia das ciências da ação humana.*

*Neste círculo, a jovem [pós-Böhm-Bawerk] Escola de austríaca Economia viveu, neste círculo a*

---

<sup>37</sup> Mises, *My Years*, p. 208

*cultura vienense produziu uma de suas últimas flores. Aqui eu não era professor nem diretor de seminário, eu era apenas um primus inter pares (primeiro entre os pares) que se beneficiou mais do que deu.*

*Todos os que pertenciam a este círculo vieram voluntariamente, guiados apenas por sua sede de conhecimento. Eles vieram como alunos, mas com o passar dos anos tornaram-se meus amigos [...]*

*Não formamos escola, congregação ou seita. Nós ajudamos um ao outro mais através da discordância do que do acordo. Mas concordamos e nos unimos em um esforço: promover as ciências da ação humana. Cada um seguiu seu próprio caminho, guiado por sua própria lei [...] nunca pensamos em publicar um diário ou uma coleção de ensaios.*

*Cada um trabalhou sozinho, como se encaixa em um pensador. E ainda assim cada um de nós trabalhou para o círculo, não buscando nenhuma compensação além de simples reconhecimento, não buscando os aplausos de seus amigos. Houve grandeza nesta troca despreziosa de ideias; nela todos nós encontramos felicidade e satisfação.<sup>38</sup>*

O resultado do método de Mises foi que muitos dos membros do seminário tornaram-se Misesianos completos, enquanto outros foram carimbados, de uma forma ou de outra, com pelo menos um toque da grandeza de Mises. Mesmo aqueles seguidores de Mises que mais tarde mudaram para doutrinas keynesianas e outras anti-Misesianas ainda mantinham um fio visível do Misesianismo.

---

<sup>38</sup> Mises, *Notes*, pp. 97-98.

Assim, por exemplo, o keynesianismo de Machlup ou Haberler nunca foi tão desenfreado como em outros discípulos mais puros. Gerhard Tintner, um membro do seminário Mises, tornou-se um eminente econometrista no Estado de Iowa, mas o primeiro capítulo da *Econometria* de Tintner levou as ressalvas de tipo Mises sobre econometria muito mais a sério do que seus colegas na profissão econométrica.

Mises deixou uma marca em todos os seus alunos que se mostrou permanente. Uma lista parcial de membros privados do seminário Mises, seguida por suas posteriores afiliações e realizações, servirá para ilustrar tanto a enorme distinção alcançada por seus alunos, quanto o selo Misesiano colocado sobre todos eles:

- Friedrich A. Hayek
- Fritz Machlup
- Gottfried von Haberler
- Oskar Morgenstern
- Paul N. Rosenstein-Rodan
- Felix Kaufmann (autor de *A Metodologia das Ciências Sociais*)
- Alfred Schütz (sociólogo, Nova Escola de Pesquisa Social)
- Karl Bode (metodologista, Universidade de Stanford)
- Alfred Stonier (metodologista, University College, Londres)
- Eric Voegelin (cientista político, historiador da Universidade Estadual de Louisiana)
- Karl Schlesinger
- Richard von Strigl
- Karl Menger (matemático, filho do fundador da Escola Austríaca, Carl Menger, Universidade de Chicago)
- Walter Fröhlich (Universidade de Marquette)
- Gerhard Tintner (Iowa State University)
- Ewald Schams
- Erich Schiff
- Herbert von Fürth
- Rudolf Klein

Membros e participantes da Inglaterra e dos Estados Unidos incluíam:

- John V. Van Sickle (Fundação Rockefeller, mais tarde Wabash College)
- Howard S. Ellis (Berkeley, autor da Teoria Monetária Alemã)
- Lionel Robbins (London School of Economics)
- Hugh Gaitskell (Partido Trabalhista Britânico)
- Outros participantes que, deve-se admitir, mostraram pouca influência de Mises na vida posterior foram o keynesiano Ragnar Nurkse (Columbia University) e Albert Gailord Hart (Columbia University).<sup>39</sup>

O número de mulheres dedicadas participantes do seminário de Mises foi notável para essa época na Europa.

- Helene Lieser, foi por muitos anos Secretária da Associação Econômica Internacional em Paris, foi a primeira mulher a obter um doutorado em ciências sociais na Áustria.
- Ilse Mintz era filha do economista Richard Schüller, aluna de Menger e subsecretária permanente de Comércio (mais tarde na Nova Escola de Pesquisa Social.) Ilse Mintz mais tarde emigrou para a América e trabalhou no *National Bureau of Economic Research*, e lecionou na Universidade de Columbia.
- Outras mulheres líderes foram Marianne von Herzfeld e Martha Stephanie Braun (Browne), que mais tarde lecionou no Brooklyn College e na New York University.

Martha Browne, ao relembrar os seminários de Mises, afirma que "o professor von Mises nunca conteve qualquer participante na escolha de um tema que ele ou ela queria discutir". Ela concluiu que "eu vivi em muitas cidades e pertencço a muitas organizações. Tenho certeza de que não existe um segundo círculo onde a intensidade, o interesse e o

---

<sup>39</sup> Em cafés e seminários privados na vida intelectual de Viena no período, veja o relato perceptivo em Craver, "Emigration", pp.13-14.

padrão intelectual das discussões seja tão alto quanto no Seminário Mises."<sup>40, 41</sup>

Não contente com seu próprio seminário, Mises sozinho reviveu a Sociedade Econômica, uma sociedade profissional de economistas que ele havia ajudado a fundar, juntamente com Karl Pribram, em 1908, e que havia caído em desuso durante a guerra. Os *Miseskreis* formaram o núcleo do grupo, que era muito maior do que o seminário Mises. Mises e seus colegas manobraram para se livrar de Othmar Spann, e, a fim de garantir a participação de Hans Mayer, Mayer foi feito presidente da Sociedade, enquanto Mises, a força motriz do grupo, concordou em se tornar vice-presidente.

A Sociedade foi dominada por Misesianos, com Hayek se tornando secretário, Machlup Tesoureiro, com Morgenstern tornando-se sucessor de Machlup como Tesoureiro. Richard Schüller era um membro ilustre do grupo, e o membro do seminário Mises Karl Schlesinger, presidente da Associação Nacional de Banqueiros, garantiu a grande sala de conferências da Associação de Banqueiros para as reuniões da Sociedade. Muitos dos artigos da Sociedade foram publicados no jornal acadêmico de Hans Mayer, o *Zeitschrift für Nationalökonomie*.

Em meados da década de 1920, Mises fez um esforço considerável para encontrar um emprego para a F.A. Hayek. Ele tentou convencer a Câmara de Comércio a criar uma posição de pesquisa no escritório de Mises, em que Hayek se encaixava, mas sua tentativa falhou. Depois que Hayek passou um ano nos Estados Unidos e voltou cantando os louvores da pesquisa empírica dos ciclos econômicos, Mises fundou o *Institute for Business Cycle Research* em janeiro de

---

<sup>40</sup> Mises, *My Years*, p. 207.

<sup>41</sup> No seminário privado de Mises, ver Mises, *My Years*, pp. 201-211; Mises, *Notes*, pp. 97-100; Craver, "Emigration", pp. 13-18.



1927, e instalou Hayek como diretor em um escritório na Câmara de Comércio.

Em 1930, o Instituto mal financiado recebeu uma grande infusão de fundos da Fundação Rockefeller, a mando do antigo membro do seminário John Van Sickle, que havia se tornado diretor assistente do escritório da Fundação em Paris. O aumento do financiamento permitiu que o Instituto contratasse Morgenstern e Haberler para ajudar Hayek, e, quando Hayek deixou a Áustria para a Inglaterra em 1931, Morgenstern o sucedeu como Diretor.<sup>42</sup>

Enquanto a maioria vienense, incluindo amigos e estudantes de Mises, se aproveitou da visão pollyanna de que o nazismo nunca poderia acontecer na Áustria, Mises, no início dos anos 1930, previu o desastre e instou seus amigos a emigrarem o mais rápido possível. Machlup credita o conselho de Mises como tendo salvado sua vida. Com sagacidade e perspicácia características, Mises imaginou um cenário provável para seus amigos e para si mesmo no Novo Mundo: todos eles, ele profetizou, iriam abrir um café e uma boate em algum lugar da América Latina. Mises seria o porteiro, o formal e distante Hayek, o garçom chefe, o cantor Felix Kaufmann seria o cantor, e o suave Machlup o gigolô do clube.<sup>43</sup>

O primeiro Misesiano a emigrar foi F.A. Hayek. Lionel Robbins foi convertido para o *laissez-faire* e para a economia austríaca lendo o *Socialismo* e, em seguida, participando do *Privatseminar* de Mises. Abrigado como chefe do departamento de economia da *London School of Economics*, Robbins logo se tornou um influente conselheiro do chefe da escola, Sir William Beveridge.

---

<sup>42</sup> Morgenstern logo levou o Instituto a caminhos decididamente não-Misesianos, patrocinando estudos econométricos sob a influência de seu amigo Karl Menger, incluindo o trabalho dos estudantes de Menger, Gerhard Tintner e Abraham Wald. Craver, "Emigration", pp. 19-20.

<sup>43</sup> Parte dessa história é contada em Mises, *My Years*, p. 205.

Robbins deu um convite para Hayek dar uma série de palestras na LSE em 1931, e as palestras tomaram a escola de assalto. Rapidamente, a Hayek foi oferecido um cargo de professor pleno no LSE. Hayek e Robbins transformaram todos que vieram antes deles em Londres na primeira metade da década de 1930, espalhando a influência especialmente da teoria do capital austríaco e do ciclo de negócios.

Hayek converteu os principais jovens economistas da LSE para as visões *hardmoney* e *laissez-faire* da economia austríaca; entusiasmados convertidos austríacos incluíram líderes keynesianos posteriores como John R. Hicks, Abba P. Lerner, Nicholas Kaldor, Kenneth E. Boulding, e G.L.S. Shackle. *Economica*, o jornal da LSE, estava cheio de artigos austríacos. Apenas Cambridge, a fortaleza de Keynes, permaneceu hostil, e mesmo aqui, havia semelhanças com os austríacos na abordagem monetária de D. H. Robertson.

Robbins era um estudante de Edwin Cannan na *London School of Economics*, ele próprio um defensor do dinheiro sólido e *laissez-faire*. Frederic Benham, um estudante de Cannan, adotou a visão austríaca da depressão e Robbins escreveu um estudo Misesiano cintilante sob o título de *A Grande Depressão* em 1934. Sob a influência de Robbins, Beveridge, em sua edição de 1931 do *Desemprego, um problema da indústria*, atribuiu o desemprego britânico em larga escala no mundo do pós-guerra a taxas salariais excessivamente altas.

Robbins, além disso, publicou alguns artigos desafiantes austríacos sobre microeconomia e sobre a teoria da população no início da década de 1930. Em 1932, além disso, publicou uma versão regada de praxeologia misesiana, *Sobre a Natureza e o Significado da Ciência Econômica*, que se tornou a bíblia da metodologia para economistas até

que o infeliz manifesto positivista de Milton Friedman foi publicado no início da década de 1950.<sup>44</sup>

Além desses esforços prodigiosos, Robbins organizou a tradução e publicação dos dois livros de Hayek sobre a teoria dos ciclos econômicos (*Teoria Monetária e os Ciclos Econômicos*, e *Preços e Produção*), e finalmente fez arranjos para a tradução da *Teoria do Dinheiro e Crédito* e *Socialismo* de Mises.

Mas, então, justo quando parecia que a economia austríaca conquistaria a Inglaterra (particularmente por ter previsto e oferecido uma explicação da Grande Depressão), a *Teoria Geral* de Keynes varreu tudo antes dela, e no final da década de 1930 todos os convertidos de Hayek tinham mudado repentinamente para o keynesianismo, mesmo que eles fossem até então maduros o suficiente para entenderem melhor a questão.

Todos os robustos, incluindo Robbins, Hicks, Beveridge, e o resto, tinham mudado, e no final da década de 1930 apenas Hayek foi deixado intocado pela tempestade keynesiana.<sup>45</sup> Mas deve ter sido um golpe particularmente amargo para Ludwig von Mises que alguns dos estudantes favoritos dele como Machlup e Haberler tenham se tornado keynesianos, embora relativamente moderados.

Além de sua enorme influência sobre o pensamento na Áustria, Mises também exerceu uma influência considerável sobre os

---

<sup>44</sup> Infelizmente, a edição mais conhecida do livro de Robbins foi a segunda, em 1935, que já era substancialmente menos misesiana e mais neoclássica do que a primeira edição.

<sup>45</sup> A apostasia era tão fervorosa que pelo menos dois desses homens tomaram o passo incomum de repudiar abertamente seu próprio trabalho influenciado por Mises. Lionel Robbins denunciou repetidamente sua própria Grande Depressão e Hicks repudiou sua Teoria dos Salários orientada para a Áustria. O único anti-keynesiano que restou além de Hayek, foi o ex-estudante de Cannan W.H. Hutt, cujas brilhantes refutações quase austríacas de Keynes passaram despercebidas, já que Hutt ensinou e publicou na África do Sul, não exatamente o centro do pensamento econômico e de sua argumentação.

economistas na Alemanha. Georg Halm juntou-se a Mises para atacar a possibilidade do cálculo econômico sob o socialismo.

L. Albert Haln, um banqueiro e economista alemão, tinha sido um proto-keynesiano inflacionista na década de 1920, mas virou-se para ser um crítico severo de Keynes na década de 1930.

Outros economistas alemães fortemente afetados por Mises foram Wilhelm Röpke, Alfred Müller-Armack, Goetz A. Briefs, um especialista em sindicatos, Walter Sulzbach, um crítico do conceito marxista de classe, Alexander Rüstow, historiador econômico, Mortiz J. Bonn, e Ludwig Pohle. Luigi Einaudi, da Itália, e o especialista monetário Jacques Rueff na França também eram amigos e influenciados por Von Mises.

# Exílio e o Novo Mundo

Mais alerta do que qualquer um de seus colegas para a ameaça nazista sempre invasora na Áustria, Mises aceitou uma cadeira em 1934 como professor de Relações Econômicas Internacionais no Instituto de Pós-Graduação em Estudos Internacionais da Universidade de Genebra. Como o contrato inicial em Genebra era de apenas um ano, Mises manteve um cargo de meio período na Câmara de Comércio, com um terço do salário.

O contrato de Mises seria renovado até o dia que ele deixasse Genebra em 1940. Embora o entristecesse deixar sua amada Viena, Mises foi feliz durante seus seis anos em Genebra. Estabelecido em seu primeiro (e último!) posto acadêmico remunerado, ele estava cercado por amigos e colegas como jurista e economista William E. Rappard, presidente do Instituto; O codiretor do instituto Paul Mantoux, eminente historiador econômico francês; amigo de infância de Mises, o ilustre jurista Hans Kelsen; Wilhelm Röpke, que havia deixado a Alemanha por causa dos nazistas; e os acadêmicos franceses Louis Rougier e Louis Baudin.

As palestras de Mises eram em francês, mas ele era fluente em francês, e falava-o sem nenhum traço de sotaque. Ministrando apenas um seminário semanal nas manhãs de sábado, e despojado de suas funções políticas e administrativas na Câmara, Mises finalmente aproveitou o lazer para embarcar e terminar, sua grande obra-prima integrando micro e macroeconomia, a análise do mercado e das intervenções nesse mercado, tudo construído no método praxeológico que havia estabelecido na década de 1920 e início dos anos 1930. Este tratado foi publicado como *Nationalökonomie* (Economia) em Genebra, em 1940.

Apesar dessas condições favoráveis, foi preciso muita coragem para Mises continuar seu trabalho diante da onda de economia keynesiana após 1937, e do crescimento das doutrinas socialistas de esquerda e direita, bem como a onda do nazismo e a iminência de uma

segunda guerra mundial horrível. Em 1938, Mises ficou horrorizado ao ver a conquista nazista da Áustria, acompanhada pela destruição nazista de sua biblioteca pessoal e documentos, mas ele estava contente por poder se casar com sua noiva, Margit Sereny, quando ela foi capaz de fugir para Genebra.<sup>46</sup>

O início da Segunda Guerra Mundial colocou uma enorme pressão sobre Mises. Além de privar o Instituto de seus estudantes não suíços, a guerra significava que os refugiados, como Mises, eram cada vez mais obrigados a se sentirem indesejáveis na Suíça. Finalmente, quando os alemães conquistaram a França na primavera de 1940, Ludwig, impulsionado por sua esposa, decidiu deixar o país agora cercado pelas potências do Eixo e fugir para a Meca das vítimas da tirania, os Estados Unidos.

A emigração para os Estados Unidos foi uma experiência particularmente angustiante para Mises. Aqui estava ele, um homem de quase sessenta anos, em contraste com sua fluência em francês, tendo aprendido inglês apenas em livros, fugindo do tempo de uma vida na Europa, empobrecido, sem perspectiva de um emprego nos Estados Unidos, forçado a se esquivar das tropas alemãs enquanto ele e Margit atravessavam a França até a Espanha e finalmente Lisboa, onde embarcaram para os Estados Unidos.

Seu mundo inteiro, suas esperanças e sonhos, fora destruído, e ele foi forçado a fazer uma nova vida em um novo país com uma língua desconhecida. E para completar, quando viu um mundo sucumbindo à guerra e ao estatismo, sua grande obra-prima, *Nationalökonomie*, publicada durante as condições de guerra, afundou sem deixar rastros.

A Segunda Guerra Mundial não era hora de interessar ninguém em alta teoria. Além disso, o livro não foi autorizado a chegar aos países

---

<sup>46</sup> Nos anos de Genebra, ver Mises, *My Years*, pp. 31-49, e Mises, *Notes*, pp. 136-138.

alemães que constituíam seu mercado natural, e sua forma de publicação suíça falhou durante a guerra.

Os Mises chegaram a Nova York em agosto de 1940. Sem qualquer perspectiva de emprego, o casal vivia de economias escassas, mudando-se repetidamente para dentro e para fora de quartos de hotel e apartamentos mobiliados.

Foi o ponto mais baixo da vida de Mises, e pouco depois que ele desembarcou, ele começou a escrever suas desesperadas e ardentes memórias intelectuais que ele terminou em dezembro, e que foram traduzidas e publicadas após sua morte como *Notas e Lembranças* (1978).<sup>47</sup>

Um tema importante nesta obra pungente é o pessimismo e o desespero que tantos liberais clássicos, amigos e mentores de Mises, sofreram com o estatismo acelerado e as guerras destrutivas do século XX. Menger, Böhm-Bawerk, Max Weber, Arquiduque Rudolf da Áustria-Hungria, o amigo e colega de Mises, Wilhelm Rosenberg, foram todos quebrados em espírito ou levados à morte pela intensificação da escuridão da política de seu tempo.

Mises, ao longo de sua vida, resolveu enfrentar esses graves contratempos lutando, mesmo que a batalha pudesse parecer sem esperança. Ao discutir como os liberais clássicos sucumbiram ao

---

<sup>47</sup> Uma década mais tarde, depois que Mises lançou seu seminário de pós-graduação na Universidade de Nova York, alguns de nós, durante um lanche pós-seminário no Childs's Restaurant, reagiram a algumas das anedotas maravilhosas que Mises nos contou sobre os velhos tempos em Viena, sugerindo que ele escrevesse sua autobiografia. Mises elaborou-se, em um raro momento de gravidade, e declarou; "Por favor! Eu ainda não tenho idade suficiente para escrever minha autobiografia. Foi um tom que não deixou espaço para discussão. Mas como Mises tinha 70 anos - uma idade muito avançada para o resto de nós - e como este é um país onde aos vinte muitos estão publicando suas "autobiografias", nós naturalmente, embora silenciosamente, discordamos do mestre.

desespero da Primeira Guerra Mundial, Mises então relata sua própria resposta:

*Eu tinha chegado a esse pessimismo sem esperança que por muito tempo tinha sobrecarregado as melhores mentes da Europa. [...] Este pessimismo quebrou a força de Carl Menger, e ofuscou a vida de Max Weber [...]*

*É uma questão de temperamento a forma como moldamos nossas vidas no conhecimento de uma catástrofe inevitável. No ensino médio eu tinha escolhido o verso de Virgílio como meu lema: Tu ne cede malis sed contra audentior ito ("Não ceda ao mau, mas sempre se oponha com coragem").*

*Nas horas mais sombrias da guerra, lembrei-me deste ditado. Uma e outra vez enfrentei situações a partir das quais deliberações racionais não conseguiam encontrar escapatória. Mas então algo inesperado ocorreu que trouxe libertação.*

*Eu não poderia perder a coragem mesmo agora. Eu faria tudo o que um economista pudesse fazer. Eu não me cansaria de professar o que eu sabia que estava certo.<sup>48</sup>*

Foi nesse ponto, Mises continuou, que ele decidiu escrever o livro sobre socialismo que ele havia contemplado antes do início da Primeira Guerra Mundial.

Todas as outras situações terríveis enfrentadas por Mises em sua vida foram recebidas pela mesma coragem magnífica: na batalha contra a inflação, na luta contra os nazistas, no voo durante a Segunda Guerra Mundial. Em todos os casos, não importa quão desesperada a

---

<sup>48</sup> Mises, *Notes*, pp. 69-70.



circunstância, Ludwig von Mises levou a luta adiante e aprofundou e expandiu suas grandes contribuições para a economia e para todas as disciplinas da ação humana.

A vida começou a melhorar para Mises quando sua antiga conexão com John Van Sickle e a Fundação Rockefeller levou a uma pequena bolsa anual através do *National Bureau of Economic Research*, uma bolsa que começou em janeiro de 1941 e foi renovada em 1944. Dessas bolsas surgiram duas obras importantes, os primeiros livros de Mises escritos em inglês, ambos publicados pela *Yale University Press* em 1944. Um deles foi o *Governo Onipotente: A Ascensão do Estado Total e a Guerra Total*.<sup>49</sup>

A interpretação dominante do nazismo naquela época foi a visão marxista do professor da Universidade de Columbia e refugiado alemão Franz Neumann: que o nazismo era o último suspiro desesperado dos grandes negócios alemães, ansiosos para esmagar o poder crescente do proletariado.

Essa visão, agora completamente desacreditada, foi primeiramente contestada pelo Governo Onipotente, que apontou o estatismo e o totalitarismo que sustentam todas as formas de coletivismo de esquerda e direita.

O outro livro de Mises, *Burocracia*, era um maravilhoso pequeno clássico, que delineava, como nunca antes, as diferenças necessárias entre a empresa em busca de lucros, o funcionamento burocrático de organizações sem fins lucrativos e a burocracia muito pior do governo.

---

<sup>49</sup> Uma versão anterior do *Governo Onipotente*, que tratava apenas da Alemanha e da Áustria, havia sido escrita em alemão em Genebra pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial; após a chegada nos Estados Unidos, Mises adicionou um apêndice. Este trabalho anterior e menor foi publicado após a morte de Mises em Stuttgart, em 1978, sob o título, *Im Namen des Staates oder Die Gefahren des Kollektivismus* (Em Nome do Estado, ou os Perigos do Coletivismo.)

A *Yale University Press* publicou os primeiros trabalhos em inglês de Mises no meio de uma dedicação esmagadora ao socialismo e ao estatismo pelas principais editoras de livros daquela época. A imprensa foi garantida para a publicação de Mises por seu primeiro novo amigo nos Estados Unidos, o proeminente jornalista econômico, Henry Hazlitt, então o lúcido escritor editorial e economista do *New York Times*.

Hazlitt admirava Mises desde que ele tinha revisado brilhantemente a edição inglesa do *Socialismo* no *Times* em 1938. Hazlitt conheceu Mises logo após sua chegada aos Estados Unidos, e logo se tornou um amigo próximo e discípulo, escrevendo prolificamente e criativamente sobre economia austríaca e incansavelmente avançando a causa de Mises, tanto a pessoa, bem como o acadêmico.<sup>50</sup>

No início de 1943, depois que Mises completou o manuscrito do *Governo Onipotente*, Hazlitt dirigiu-o ao editor libertário da *Yale University Press*, Eugene Davidson, que estava entusiasmado com o livro. A partir daí, a partir dos anos 1950, a prestigiada *Yale Press* serviu como editora de todo o trabalho de Mises, tanto novo quanto reimpresso. Na verdade, foi Davidson quem sugeriu, no início de 1944, que Mises escrevesse um pequeno livro sobre burocracia, e Mises completou o manuscrito em junho daquele ano.

Através dos bons escritórios de Hazlitt, Mises publicou nove artigos para o *New York Times*, sobre problemas econômicos mundiais, durante 1942 e 1943. Isso espalhou as ideias de Mises nos Estados Unidos e, em janeiro de 1943, levou Noel Sargent, secretário da Associação Nacional de Fabricantes — uma organização então dedicada ao *laissez-faire* — a convidar Mises a se juntar à Comissão de

---

<sup>50</sup> Hazlitt relata a história de seu primeiro contato pessoal com Mises: "Uma noite em casa, recebi um telefonema, e a voz do outro lado do fio disse: 'Este é Mises falando.' Como eu disse mais tarde a alguns dos meus amigos, era quase como se alguém tivesse dito: 'Este é John Stuart Mill falando.' Mises, *My Years*, p. 58.

Princípios Econômicos do NAM. Mises serviu na Comissão NAM de 1943 a 1954, e foi, portanto, capaz de conhecer muitos dos principais industriais dedicados a uma economia de livre mercado.<sup>51</sup>

Mas continua a ser uma mancha não erradicável no registro da academia americana que Mises nunca tenha sido capaz de encontrar um posto pago em tempo integral em qualquer universidade americana. É realmente vergonhoso que, numa época em que cada refugiado marxóide de terceira categoria era capaz de encontrar um lugar de prestígio na academia, que uma das grandes mentes do século XX não pudesse encontrar um posto acadêmico.

A viúva de Mises, Margit, em seu livro comovente de memórias sobre a vida com Lu, registra sua felicidade e sua gratidão que a *New York University Graduate School of Business Administration*, em 1945, tenha nomeado Mises como professor visitante ensinando um curso de meio período.

Mises ficou encantado por estar de volta ao ensino universitário; mas o escritor atual não pode se contentar que tudo que havia para ele era um posto de meio período pagando a ninharia de US\$ 2.000 por ano. O curso de Mises foi, no início, sobre "Estatismo e o Motivo do Lucro", e mais tarde mudou para um sobre "Socialismo". Este posto de ensino de meio período foi renovado até 1949.

Harold Luhnnow, do Fundo William Volker, assumiu a cruzada de encontrar para Mises um posto acadêmico adequado em tempo integral. Uma vez que a obtenção de um cargo remunerado parecia fora de questão, o Fundo Volker estava preparado para pagar todo o salário de Mises. Mesmo sob essas condições subsidiadas, no entanto, a tarefa era difícil, e finalmente a *New York University Graduate School of Business*

---

<sup>51</sup> Estes incluíam J. Howard Pew da Sun Oil Company, o principal contribuinte financeiro para causas laissez-faire; B.E. Hutchinson, vice-presidente da Chrysler; e Robert Welch, da Welch Candy Corp., que foi dissolvida no final da década de 1950 para fundar a Sociedade John Birch.

concordou em aceitar Mises como um "Professor Visitante" permanente, ensinando, mais uma vez, seu amado seminário de pós-graduação sobre teoria econômica.<sup>52, 53</sup>

Mises começou a ensinar seu seminário todas as quintas-feiras à noite em 1949, e continuou a ensinar o seminário até se aposentar, ainda ágil e ativo vinte anos depois, aos 87 anos, o professor ativo mais antigo da América.

Mesmo sob essas condições financeiras favoráveis, o apoio da NYU a Mises foi relutante, e só surgiu porque o executivo de publicidade e ex-aluno da NYU Lawrence Fertig, um jornalista econômico e amigo próximo de Mises e Hazlitt, exerceu uma influência considerável na universidade. Fertig, na verdade, tornou-se membro do Conselho de Curadores da NYU em 1952.

Mesmo assim, e mesmo que Mises pudesse supervisionar dissertações de doutorado, ele ainda carregava o estigma de "Professor Visitante". Mais importante, depois que Dean G. Rowland Collins, um admirador de Mises, se aposentou, os sucessores Deans fizeram o seu melhor para diminuir o registro de alunos nos cursos de Mises, alegando que ele era um reacionário e neandertal, e que sua economia era apenas uma "religião".

Deve ter sido irritante para Mises que, em contraste com seu tratamento podre nas mãos da academia americana, seus ex-alunos favoritos que haviam abandonado doutrinas misesianas para o keynesianismo, mas cujas únicas contribuições reais para a economia

---

<sup>52</sup> Harold W. Luhnnow foi chefe da *William Volker Company* uma casa de distribuição de móveis em Kansas City, e do *William Volker Fund*, que desempenhou um papel vitalmente importante, mas ainda desconhecido, no apoio a bolsas libertárias e conservadoras do final dos anos 1940 até o início dos anos 1960.

<sup>53</sup> Por alguns anos, Mises continuou a ensinar seu curso Socialismo, bem como conduzir seu seminário. Depois de alguns anos, o seminário foi seu único curso na NYU.

vieram como misesianos, receberam altos e prestigiados cargos acadêmicos.

Assim Gottfried Haberler foi consagrado como professor titular em Harvard, e Fritz Machlup foi para John Hopkins e mais tarde para Princeton. Oskar Morgenstern, também desembarcou em Princeton. Todos esses altos cargos acadêmicos foram, naturalmente, pagos pela universidade.<sup>54</sup>

Mises nunca expressou qualquer amargura em seu destino ou na apostasia de seus antigos seguidores, nem de fato ele comunicou azedume de qualquer tipo para seus alunos inspirados e admiradores do seminário. Apenas uma vez o escritor presente, seu aluno do seminário por dez anos e amigo para o resto de sua vida, o ouviu expressar qualquer tristeza ou amargura em seu tratamento pela academia americana.

A ocasião foi o Bicentenário da Universidade de Columbia de 1954, um evento que levou a Columbia a convidar acadêmicos proeminentes de todo o mundo para falar e participar. Mises viu seus antigos alunos, Hayek, Machlup, Haberler e Morgenstern, convidados a falar, mas Mises, que morava a menos de uma milha da Columbia, foi totalmente ignorado.

E isso, mesmo que quatro ex-alunos de Mises – Mintz, Nurkse, Hart e o teórico bancário da escola qualitativa Benjamin H. Beckhart –

---

<sup>54</sup> As academias americanas trataram F.A. Hayek, que ainda era um misesiano intelectual e politicamente, de forma apenas um pouco menos injusta do que Mises. O Volker Fund tentou colocar Hayek em uma universidade americana, e finalmente foi capaz de encontrar um posto totalmente subsidiado para Hayek na Universidade de Chicago. O departamento de economia de Chicago, no entanto, rejeitou Hayek, mas ele foi aceito no comitê de pós-graduação acadêmico, embora fora de moda, onde ele tinha apenas alguns, embora estudantes de primeira linha, estudantes de pós-graduação. Foi porque a Universidade de Chicago se recusou a pagar a Hayek qualquer pecúnia que ele foi forçado a retornar às universidades alemãs e austríacas depois de atingir a idade de aposentadoria.

estivessem lecionando na Universidade de Columbia. Margit von Mises escreve que apenas uma vez ele expressou a ela qualquer desejo por um cargo acadêmico — depois de visitar seu velho amigo, o economista monetário Winfield W. Riefler, do Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Ela escreve:

*"Lembro-me que Lu me disse uma vez que o trabalho de Riefler em Princeton era a única posição que realmente o teria feito feliz. Era muito incomum para Lu expressar um desejo por algo fora de seu alcance."*<sup>55</sup>

Se houvesse justiça no mundo acadêmico, os chefes do Instituto deveriam ter batido na porta da casa de Mises, clamando para que ele se juntasse a eles.

Para o atual escritor, que teve o privilégio de participar do seminário Mises em sua primeira sessão em 1949, a experiência no seminário foi inspiradora e emocionante. O mesmo aconteceu com colegas estudantes que não estavam registrados na NYU, mas que frequentaram o seminário regularmente por anos, e consistiam em acadêmicos libertários e de livre mercado e empresários na área de Nova York.

Devido aos arranjos especiais do seminário, a universidade concordou em permitir que Misesianos assistissem o curso. Mas mesmo que Mises tivesse um pequeno número de excelentes alunos de pós-graduação que fizeram seus doutorados sob seu comando — notavelmente Israel M. Kirzner, ainda lecionando na NYU — a maioria dos alunos regulares eram estudantes de negócios, que incompreensivelmente fizeram o curso por um A fácil.<sup>56</sup> A proporção

---

<sup>55</sup> Mises, *My Years*, p. 59.

<sup>56</sup> Como professor europeu, Mises nunca se adaptou totalmente ao sistema de classificação nos EUA. No começo, ele deu a cada aluno um A. Quando disse que não poderia fazer isso, ele, alternativamente, deu aos alunos As e Bs

de libertários e austríacos em relação ao da classe total, eu estimaria, era de cerca de um terço a metade.

Mises fez o seu melhor para replicar as condições de seu grande *Privatseminar*, incluindo lanches após o fim da sessão formal às 21h30 no Child's Restaurant para continuar discussões informais e animadas. Mises era infinitamente paciente e gentil com até mesmo o mais estúpido de nós, constantemente lançando projetos de pesquisa para nos inspirar, e sempre encorajando os mais tímidos e mais espantados a falar. Com um brilho característico em seus olhos, Mises assegurava-lhes: "Não tenha medo de falar. Lembre-se, o que quer que você diga sobre o assunto e por mais errado que seja, a mesma coisa já foi dita por algum economista eminente."

Por mais maravilhosa que tenha sido a experiência do seminário para estudantes experientes, achei de partir o coração que Mises fosse reduzido a essas infelizes circunstâncias. Pobre Mises: quase não havia um Hayek ou um Machlup ou um Schütz entre esses estudantes de contabilidade e finanças, e o Child's Restaurant não era um café vienense. Mas um incidente corrigiu um pouco dessa visão.

Um dia, Mises foi convidado a falar perante os estudantes de economia de pós-graduação e professores da Columbia University, um departamento então classificado entre os três melhores departamentos de economia do país. Típico das perguntas após sua palestra foi o seguinte: "Professor Mises, você diz que é a favor da revogação de medidas de intervenção do governo. Mas essa revogação em si não constitui um ato de intervenção? A esta pergunta insensata, Mises deu uma resposta perceptiva e contundente: "Bem, da mesma forma, você poderia dizer que um médico que corre para o lado de um homem atropelado por um caminhão, está 'intervindo' com o homem da mesma

---

dependendo de sua colocação alfabética. Quando disse que não poderia fazer isso, ele estabeleceu uma política de dar um A para qualquer aluno que escrevesse um artigo para o curso, independentemente de sua qualidade e um B para todos os outros.

forma que o caminhão." Depois, perguntei ao Professor Mises o que ele achou da experiência. "Eh", ele respondeu: "Eu gosto mais dos meus alunos [na NYU]." Depois disso, percebi que talvez o ensino de Mises na NYU valesse a pena, mesmo que do ponto de vista dele.<sup>57</sup>

Já em 1942, Mises, consternado, mas destemido pelo triste destino de *Nationalökonomie*, começou a trabalhar em uma versão em inglês do livro. O novo livro não era simplesmente uma tradução em inglês de *Nationalökonomie*. Foi revisado, melhor escrito e muito expandido, tanto que para ser virtualmente um novo livro.<sup>58</sup> Foi a grande obra da vida de Mises. Sob os cuidados e égide de Eugene Davidson, a *Yale University Press* publicou o novo tratado em 1949 como *Ação Humana: um Tratado de Economia*.<sup>59</sup>

Felizmente, a abertura do seminário de Mises coincidiu com a publicação de *Ação Humana*, que saiu em 14 de setembro de 1949. *Ação Humana* foi a maior conquista de Mises e um dos melhores produtos da mente humana em nosso século. É a economia completa, baseada na metodologia da praxeologia que o próprio Mises desenvolveu, e fundamentada no axioma inelutável e fundamental que

---

<sup>57</sup> Quando o Fundo Volker entrou em colapso em 1962, Lawrence Fertig, com um consórcio de outros empresários e fundações, manteve o seminário até Mises se aposentar em 1969.

<sup>58</sup> Fui informado de tal pelo meu colega alemão-americano, professor Hans-Hermann Hoppe do departamento de economia da Universidade de Nevada, Las Vegas, um experiente e criativo praxiologista e misesiano.

<sup>59</sup> Uma avaliação particularmente valiosa da importância de publicar uma versão em inglês do *Nationalökonomie* foi enviada a Davidson em janeiro de 1945 por Dr. Benjamin M. Anderson, economista monetário, historiador econômico e amigo de Mises, e ex-economista do Chase National Bank. "*Nationalökonomie* é o livro de von Mises sobre princípios econômicos gerais. É o tronco central, por assim dizer, do qual o assunto discutido em seu livro sobre dinheiro e seu livro sobre socialismo são apenas os ramos. É a teoria fundamental da qual as conclusões nos livros sobre socialismo e dinheiro são os corolários." Mises, *My Years*, p. 103.



os seres humanos existem, e que eles agem no mundo, usando meios para tentar alcançar seus objetivos mais valorizados.

Mises constrói todo o edifício da teoria econômica correta como sendo resultado das implicações lógicas do fato primordial da ação humana individual. Foi uma conquista notável, e forneceu uma saída para a disciplina da economia, que havia se fragmentado em sub-especialidades descoordenadas e conflitantes.

É notável que o *Ação Humana* tenha sido o primeiro tratado integrado sobre economia desde que Taussig e Fetter escreveram o deles antes da Primeira Guerra Mundial. Além de fornecer essa teoria econômica abrangente e integrada, o *Ação Humana* defendeu a economia sólida e austríaca contra todos os seus oponentes metodológicos, contra historicistas, positivistas e praticantes neoclássicos de economia matemática e econometria. Ele também atualizou sua crítica ao socialismo e ao intervencionismo.

Além disso, Mises forneceu importantes correções teóricas de seus antecessores. Assim, ele incorporou a teoria da preferência temporal do austríaco americano Frank Fetter sobre os juros na economia, finalmente retificando a lama das águas de Böhm-Bawerk, trazendo à tona a teoria da produtividade falaciosa de juros depois que ele a descartou no primeiro volume de seu *Capital and Interest*.

É mais uma mancha na academia americana que eu tenha passado por todos os cursos de doutorado na Universidade de Columbia sem uma vez descobrir que havia tal coisa como uma escola austríaca, muito menos que Ludwig von Mises era seu maior campeão vivo. Eu estava pouco familiarizado com o nome de Mises, fora da história distorcida usual do debate de cálculo socialista, e, portanto, fiquei surpreso ao saber na primavera de 1949 que Mises ia começar um seminário regular na NYU. Também me disseram que Mises ia publicar uma magnum opus no outono. "Oh," eu perguntei, "sobre o que é o livro?" "Sobre tudo", eles responderam.

*Ação Humana* era de fato sobre tudo. O livro foi uma revelação para aqueles de nós encharcados na economia moderna; resolveu todos os problemas e inconsistências que eu tinha sentido na teoria econômica, e forneceu uma estrutura totalmente nova e soberba de metodologia e teoria econômica correta.

Além disso, forneceu aos libertários ansiosos uma política de laissez-faire intransigente; em contraste com todos os outros economistas do livre mercado daquele dia em diante, não havia escotilhas de fuga, não havia como dar o caso com "é claro, o governo deve quebrar monopólios", ou "é claro, o governo deve fornecer e regular a oferta de dinheiro".

Em todos os assuntos, do teórico ao político, Mises era a alma do rigor e da consistência. Nunca Mises comprometeria seus princípios, nunca se ajoelharia a uma busca por respeitabilidade ou favores sociais ou políticos. Como acadêmico, como economista, e como pessoa, Ludwig von Mises foi uma alegria e uma inspiração, um exemplo para todos nós.

O *Ação Humana* foi e continua a ser um fenômeno editorial notável. O livro até hoje é um best-seller para a editora, tanto que a editora se recusa a colocá-lo em brochura. Isso é realmente notável para um trabalho maciço e intelectualmente difícil como a *Ação Humana*. Surpreendentemente, o livro foi feito ser uma seleção alternativa do Clube do Livro do Mês, e foi publicado em edições espanholas, francesas, italianas, chinesas e japonesas.<sup>60</sup> Assim, através do *Ação Humana*, Mises foi capaz de forjar um movimento austríaco e laissez-faire de abrangência nacional e até internacional.

Notavelmente também, o movimento misesiano forjado pela *Ação Humana* era multiclasse: variava de acadêmicos e estudantes a

---

<sup>60</sup> Assim, o *Ação Humana* foi capaz de superar uma crítica cruel no *New York Sunday Times Book Review* por John Kenneth Galbraith, de Harvard, que puniu a Yale University Press por ter a temeridade de publicar o livro.

empresários, ministros, jornalistas e donas de casa. O próprio Mises sempre deu grande importância à divulgação aos empresários e ao público em geral.

Uma vez, havia planos para uma escola de pós-graduação, intitulada Escola Americana de Economia, a ser financiada por J. Howard Pew com Mises como presidente. Alguns de nós, jovens acadêmicos misesianos, estavam no Conselho de Curadores. Mises enfatizou que, como era comum na Europa, o corpo docente da escola deveria dar palestras periódicas ao público em geral, para que a educação econômica sólida não se limitasse aos acadêmicos profissionais. Infelizmente, os planos para a escola acabaram por cair.

Yale University Press ficou tão impressionada com a popularidade, bem como a qualidade do livro de Mises que serviu pela década seguinte como editora de seu trabalho. A editora publicou uma nova edição ampliada do *Socialismo* em 1951, e uma edição igualmente expandida de *The Theory of Money and Credit* em 1953.

Notavelmente, também, Mises não descansou em seus louros após a publicação de *Ação Humana*. Seu ensaio sobre "Lucro e Perda" é talvez a melhor discussão já escrita sobre a função do empreendedor e do sistema de lucros e perdas do mercado.<sup>61</sup>

Em 1957, a editora publicou a última grande obra de Mises, o profundo *Teoria e História*, sua obra-prima filosófica que explica a verdadeira relação entre praxeologia, ou teoria econômica e história humana, e se envolve em uma crítica ao marxismo, ao historicismo e a

---

<sup>61</sup> "Lucro e Perda" foi escrito como um artigo para a reunião da Sociedade Mont Pèlerin realizada em Beauvallon, França, em setembro de 1951. O ensaio foi publicado como livreto no mesmo ano pela *Libertarian Press*, e agora está disponível como um capítulo nos ensaios selecionados de Mises, em Ludwig von Mises, *Planning for Freedom* (4th ed., South Holland, IL: Libertarian Press, 1980), pp. 108-150.

várias formas de cientificismo. *Teoria e História* era, compreensivelmente, o favorito de Mises ao lado do *Ação Humana*.<sup>62</sup>

No entanto, após a partida em 1959 de Eugene Davidson para ser editor fundador da conservadora Era Moderna Trimestral, *Yale University Press* não serviu mais como um lar amigável para as obras de Mises.<sup>63</sup>

Em seus últimos anos o programa de publicação do William Volker Fund assumiu o vácuo, e forneceu ao mundo uma edição inglesa do *Liberalismo* (como *A Comunidade Livre e Próspera*), e de *Grundprobleme der Nationalökonomie* (como *Problemas Epistemológicos da Economia*), ambos publicados em 1962.

Além disso, no mesmo ano da criação do Volker Fund, o Fundo publicou o último livro de Mises, *The Ultimate Foundation of Economic Science: An Essay on Method*, uma crítica ao positivismo lógico na economia.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Mises, *My Years*, p. 106. Infelizmente, o *Teoria e a História* foi gravemente negligenciado por grande parte do renascimento da Escola Austríaca pós-1974. Veja Murray N. Rothbard, "Preface", Ludwig von Mises, *Theory and History: An Interpretation of Social and Economic Evolution* (2ª ed., Universidade de Auburn, AL: Instituto Ludwig von Mises, 1985).

<sup>63</sup> A terrível história da segunda edição do *Ação Humana* em 1963 pode ser encontrada em Mises, *My Years*, pp. 106-111. A *Yale University Press* resolveu o processo de Mises sobre este trabalho de impressão horrível fora do tribunal, cedendo a praticamente todas as suas exigências. Os direitos de publicação foram transferidos para a Henry Regnery & Co., que publicou a terceira edição do *Ação Humana* em 1966, mas a *Yale University Press* continua a levar seu corte até hoje. O pior aspecto do caso foi o tormento infligido a este gigante intelectual de 82 anos, angustiado com o despedaçamento da obra-prima de sua vida.

<sup>64</sup> Todos os três trabalhos foram publicados por D. Van Nostrand, cujo presidente era um simpatizante de Mises, e que tinha um acordo de publicação com o Fundo Volker. *Grundprobleme* foi traduzido por George Reisman, e *Liberalismo* por Ralph Raico, ambos começaram a frequentar o seminário de

Durante seus anos americanos pós-Segunda Guerra Mundial, Mises experimentou altos e baixos ao observar as ações e influência de seus ex-alunos, amigos e seguidores. Por um lado, ele ficou feliz em ser um dos membros fundadores em 1947 da Mont Pèlerin Society, uma sociedade internacional de economistas e acadêmicos do livre mercado. Ele também ficou encantado em ver amigos como Luigi Einaudi, como presidente da Itália, Jacques Rueff, como conselheiro monetário do general Charles De Gaulle, e Röpke e Alfred Müller-Armack como conselheiros influentes de Ludwig Erhard, desempenhando um papel importante na mudança de suas respectivas nações, durante a década de 1950, na direção do livre mercado e do dinheiro sólido.

Mises desempenhou um papel de liderança na Sociedade Mont Pèlerin nos primeiros anos, mas depois de um tempo ficou desiludido com seu estatismo acelerado e visões fracas sobre a política econômica. E mesmo que Mises e Hayek mantivessem relações cordiais até o fim, e Mises nunca falasse mal de seu amigo e protegido de longa data, Mises estava claramente infeliz com a mudança em desenvolvimento em Hayek após a Segunda Guerra Mundial para longe da praxeologia misesiana e do dualismo metodológico, e em direção ao empirismo lógico e neopositivismo do velho amigo vienense de Hayek, Karl Popper.

Mises declarou-se "espantado" quando Hayek, em uma palestra em Nova York sobre "Nomos e Táxis" na década de 1960, claramente repudiou implicitamente a metodologia praxeológica de sua própria *Contrarrevolução da Ciência*. E Mises, embora geralmente admirasse a obra de Hayek em 1960 sobre filosofia política e economia política, *A Constituição da Liberdade*, levou a Hayek gentilmente, mas firmemente à tarefa de afirmar que o Estado de Bem-Estar Social é "compatível com a liberdade".<sup>65</sup>

---

Mises quando ainda estava no ensino médio em 1953. Em Raico e Reisman, ver Mises, *My Years*, pp. 136- 137.

<sup>65</sup> Mises, *Planning for Freedom*, p. 219.

Após adoecer nos últimos dois anos de sua vida, o grande e nobre Ludwig von Mises, um dos gigantes do nosso século, morreu em 10 de outubro de 1973, aos 92 anos. É irônico que no ano seguinte, Friedrich A. Hayek tenha recebido o Prêmio Nobel de Economia, não por suas tardias sinuosas lucubrações filosóficas, mais precisamente e explicitamente pelo trabalho que fez, nas décadas de 1920 e 1930, como um Misesiano ardente, na elaboração da teoria de Mises dos ciclos econômicos. Irônico porque se alguém merecia o Prêmio Nobel mais do que Hayek, era claramente seu mentor, Ludwig von Mises.

Aqueles de nós, dados à especulação cínica, podem julgar que o Comitê do Prêmio Nobel da Suécia deliberadamente adia o prêmio até a morte de Mises, pois caso contrário, eles teriam que dar o prêmio a alguém que consideravam impossivelmente dogmático e reacionário.

O Prêmio Nobel para Hayek, combinado com o crescente movimento Misesiano dos quinze anos anteriores, provocou um verdadeiro estágio de "decolagem" para um renascimento da economia austríaca. Por um lado, houve uma corrida geral de economistas, virtualmente obcecados com o Prêmio Nobel, e que nunca tinham ouvido falar de Hayek, que se sentiram obrigados a investigar o que essa pessoa poderia ter feito. Hayek também foi o primeiro Nobel a quebrar a lógica de dar o prêmio apenas para matemáticos e keynesianos; desde então, inúmeros economistas de livre mercado obtiveram o prêmio.

Desde 1974, o renascimento da economia austríaca e do interesse em Mises e suas ideias têm acelerado muito. Desprezados pelas últimas quatro décadas da vida de Mises, a economia austríaca em geral e Mises em particular, são agora geralmente considerados, no mínimo, um ingrediente digno em meio ao *pot-pourri* atual e à confusão do pensamento econômico e da opinião. O clima acadêmico é certamente muito diferente agora, e infinitamente melhor, do que nos dias sombrios que Mises não conseguia encontrar um posto acadêmico adequado.

Por alguns anos após 1974, um renascimento da economia austríaca floresceu, e houve conferências notáveis e volumes

publicados a cada ano. Mas então a maré parecia mudar, e no final da década de 1970 centros e institutos anteriormente dedicados ao ressurgimento da economia misesiana começaram a perder o interesse.

As conferências e livros desaceleraram, em quantidade e em qualidade, e começamos a ouvir mais uma vez os velhos resmungos: que Mises era muito "extremo" e muito "dogmático", e que seria impossível continuar como um misesiano e ganhar "respeitabilidade" no mundo, para alcançar influência política, ou, no caso de jovens acadêmicos, para adquirir um emprego.

Ex-misesianos começaram a perseguir deuses estranhos, a encontrar grande mérito em tais credos que Mises detestava como a Escola Histórica Alemã, o institucionalismo, o niilismo, e até mesmo a brincar sobre uma "síntese" com o marxismo. Pior ainda, alguns desses jovens austríacos estavam realmente tentando insinuar que o próprio Mises, um homem que dedicou toda a sua vida à verdade, teria realmente abençoado tais manobras abomináveis.

Felizmente, assim como parecia que o caminho Misesiano seria perdido mais uma vez, o Instituto Ludwig von Mises foi formado em 1982. Seu desenvolvimento luxuoso desde então, praticamente sozinho, reviveu a economia misesiana e a colocou na posição dominante no crescente movimento austríaco.

Através de uma revista acadêmica anual, *The Review of Austrian Economics*, um boletim trimestral de economia austríaca, um periódico mensal *The Free Market*, um programa de publicação crescente de livros, artigos ocasionais e trabalhos, seminários anuais de instrução, conferências políticas, numerosas bolsas de pós-graduação não residenciais e bolsas de estudo para residentes na Universidade de Auburn e outras universidades em todo o país, o Instituto Mises finalmente estabeleceu o austrianismo não apenas como um novo viável paradigma para a economia, mas como algo verdadeiramente austríaco. Em suma, no espírito e no conteúdo do maravilhoso corpo de pensamento que herdamos dos grandes Mises.

Também seguindo o espírito de Mises, o Instituto forjou um programa multinível, até os mais altos níveis de escolaridade, para falar corajosamente sobre as importantes questões políticas concretas de nosso tempo. Assim, depois de alguns ataques e partidas, e graças ao Instituto Mises, finalmente forjamos um renascimento austríaco do qual Mises ficaria verdadeiramente orgulhoso. Só podemos lamentar que ele não viveu para vê-lo.



# Coda: Mises, O Homem

Quem foi Mises, o Homem? Desde sua morte, alguns de seus alunos mais amados da década de 1920, particularmente F.A. Hayek, têm disseminado a visão de que Mises era "difícil", "severo", "grave", não pessoalmente próximo de seus alunos, e até mesmo "pessoalmente detestável". Essas restrições foram dadas aos entrevistadores, ou inseridas como farpas no meio de uma efusão de elogios para Mises.<sup>66</sup>

Mas este é o tipo de professor que toda a sua vida reuniu ao seu redor admiradores e seguidores entusiasmados? Certamente, posso testemunhar que todos os seus seguidores americanos estavam orgulhados, não apenas em admiração pela grandeza e rigor de seu intelecto e poderes criativos, e por sua coragem indomável, mas também apaixonados pela doçura de sua alma.

E se é para se pensar que de alguma forma sua personalidade tinha sido mais dura na década de 1920, que tipo de mentor distante ou impessoal induziria um homem como Felix Kaufmann a compor canções em homenagem ao seminário de Mises?<sup>67</sup>

Não só nós estudantes americanos fomos profundamente agitados por Mises, o homem, mas todos nós percebemos que em Mises estávamos vendo as últimas nuvens de glória da cultura da Velha Viena pré-Primeira Guerra Mundial, uma civilização muito mais fina do que nós conheceremos.

William E. Rappard, um homem da idade de Mises, pegou esse espírito muito bem em seu tributo a Mises no *Festschrift* preparado em 1956. Rappard escreveu sobre Mises que, nos anos de Genebra,

---

<sup>66</sup> Veja, por exemplo, Craver, "Emigration", p. 5; e Mises, *My Years*, p. 222.

<sup>67</sup> Mises, *My Years*, p. 211.

*eu muitas vezes, e tenho medo de que de uma forma muito indiscreta, aproveitei de sua companhia. Todos aqueles que já tiveram privilégio semelhante percebem que ele não é apenas uma das mentes analíticas mais aguçadas entre os economistas contemporâneos, mas que ele também tem à sua disposição uma loja de cultura histórica, tesouros que são animados e iluminados por uma forma de humanidade e sagacidade austríaca raramente encontrados hoje na superfície deste globo.*

*Na verdade, às vezes me pergunto, não sem medo, se nossa geração não é a última a ser abençoada com o que parece ter sido um monopólio da Viena pré-guerra.<sup>68</sup>*

Mas as melhores palavras de apreciação de Mises, o homem, foram entregues no curso de um tributo perceptivo e elegantemente escrito às ideias de Mises por seu admirador de longa data Professor Ralph Raico:

*Por mais de sessenta anos ele esteve em guerra com o espírito da época, e com cada um dos avanços, vitoriosos, ou meramente com as então na moda escolas políticas, de esquerda e de direita.*

*Década após década ele lutou contra o militarismo, o protecionismo, o inflacionismo, todas as variedades de socialismo, e todas as políticas do Estado intervencionista, e durante a maior parte desse tempo ele esteve sozinho, ou perto disso. A totalidade e intensidade duradoura da batalha de Mises só poderia ser alimentada a partir de um*

---

<sup>68</sup> William E. Rappard, "On Reading von Mises", em M. Sennholz, ed., *On Freedom and Free Enterprise: Essays in Honor of Ludwig von Mises* (Princeton: D. Van Nostrand, 1956), p. 17.

*profundo sentido interno da verdade e do valor supremo das ideias pelas quais ele estava lutando.*

*Isso — assim como seu temperamento, supõe-se — ajudou a produzir uma "arrogância" definitiva em seu tom (ou qualidade "apodíctica", como alguns de nós no seminário de Mises carinhosamente a chamavam, usando uma de suas próprias palavras favoritas), que era a última coisa que os democratas de esquerda e os social-democratas acadêmicos poderiam aceitar em uma visão que eles consideravam apenas marginalmente digna de tolerância para começar. [...]*

*Mas a falta de reconhecimento parece ter influenciado ou desviado Mises não mais que o mínimo.<sup>69</sup>*

E o Professor Raico conclui com essa maravilhosa e criteriosa passagem:

*Nenhuma apreciação de Mises seria completa sem dizer algo, por mais inadequado que seja, sobre ele enquanto homem e indivíduo. A imensa bagagem de estudos de Mises, trazendo à mente outros acadêmicos alemães, como Max Weber e Joseph Schumpeter, que pareciam trabalhar com o princípio de que um dia todas as enciclopédias poderiam muito bem desaparecer das prateleiras; a clareza cartesiana de suas apresentações em sala de aula (é preciso um mestre para apresentar um assunto complexo de forma simples); seu respeito pela vida*

---

<sup>69</sup> Ralph Raico, "The Legacy of Ludwig von Mises", *The Libertarian Review* (Setembro de 1981), p. 19. O artigo foi incluído em uma edição da revista Mises Centennial Celebration. Uma versão anterior foi publicada no *The Alternative*, fevereiro de 1975.

*racional, evidente em cada gesto e olhar; sua cortesia e gentileza e compreensão, mesmo para com iniciantes; sua verdadeira sagacidade, do tipo proverbialmente criada nas grandes cidades, semelhante à dos berlinenses, ou parisienses e nova-iorquinos, contida apenas em vienenses e povos mais suaves — deixe-me dizer que, em um momento inicial, conhecer o grande Mises tende a criar em sua mente padrões ao longo da vida do que um intelectual ideal deve ser.*

*Estes são padrões aos quais outros acadêmicos com os quais se encontra nunca terão iguais, e julgados por eles a forma comum de professor universitário — em Chicago, Princeton ou Harvard — é simplesmente uma piada (mas seria injusto julgá-los por tal medida; aqui estamos falando de dois tipos totalmente diferentes de seres humanos).*

Quando Mises morreu, e eu estava preparando um obituário, o Professor Raico gentilmente me enviou uma passagem profundamente comovente de Adonais, o grande elogio de Shelley a Keats, que, como de costume para Raico, atingiu a nota certa em uma avaliação final de Mises:

Na mesma medida em que ele pôde emprestar — eles não emprestam

Glória daqueles que fizeram do mundo sua presa:

E ele está reunido aos reis do pensamento

Que travaram discórdia com a decadência do seu tempo,

E do passado são tudo o que não se pode deixar para trás.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Raico, "Legacy", p. 22

**Conheça outras obras da Editora Konkin:**

[www.konkin.com.br](http://www.konkin.com.br)



Gostaria de fazer uma doação para tornar mais traduções como esta disponíveis no Brasil?



Aponte a câmera do celular